

sewa



"As reivindicações da
lavoura cacauzeira"

(Página 52)

Redação: RUA LOPES CARDOSO, 16 - 1º. AND.

Diretor: JOÃO DA COSTA FALCÃO

SUMARIO

	Pag.
<i>A União entre as Americas</i> — Antonio B. Dias	49
<i>Palavras á mocidade</i> — Romain Rolland	61
<i>Vozes do mundo</i> — Manoel Caetano Filho	64
<i>A «imparcialidade» das filosofias</i> Luiz Vieira	66
<i>Interpretação do conflito Democracia x Fascismo</i> — Ives Pecanha	69
<i>Tambem devemos falar frente a frente</i> — Nicolau Paraguassú	71
<i>Para quem é a ciencia?</i> — F. Swann Harding	74
<i>Um trecho de Pablo Neruda</i>	76
<i>A contradição de Carrel</i> — Nelson de Souza Sampaio	77
<i>Lá se foi a viola</i> — Sosigenes Costa	81
<i>Quando o escritor negro deixa de ser crotico, não vende seus livros</i> — Langston Hughes	82
<i>A Inglaterra julgada por um inglês</i> — Orlando Gouvêa	87
<i>«Baianas»</i> — Carlos Coutinho	90

NOTAS DE REDAÇÃO

<i>Mensagem á intelligencia da America</i>
<i>Como vão os intelectuais pelo mundo</i>
<i>Receita do Municipio de Ilheus</i>
<i>As inversões inglesas no mundo</i>
<i>Nossa desorganização economica</i>
<i>As oscilações do salario rural em 1939</i>
<i>A guerra e as industrias no Brasil</i>
<i>O monopolio na industria farmaceutica</i>
<i>Mil e quinhentos periodicos suspensos na Alemanha desde 1933</i>
<i>O ferro na Europa</i>
<i>12 Milhões de toneladas metricas de minério.</i>
<i>O ouro europeu nos Estados Unidos</i>
REPORTAGEM:
<i>As reivindicações da lavoureira cacaueteira</i>

BAHIA — BRASIL

PREÇO — 1\$500

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA CENSURA

PARA que haja entre nações, como entre povos, ou entre indivíduos, uma verdadeira união, nas maiores como nas menores coisas, é preciso que existam condições profundas que a determinem. São pontos de vista identicos. São interesses que se orientam numa só direção. São ideais que se dirigem para o mesmo obetivo.

Assim acontecendo, vemos que existem realmente

condições para a união entre as Americas. Na verdade são bem profundos os motivos dessa união. Aliás, não existem tão somente motivos profundos, mas também encontram-se hoje motivos fortes a impulsiona-la.

Essa união encontra origem comun na mesma cultura latina. Ela tem identidade na propria sensibilidade espiritual. Ela se aprofunda nos laços etnicos, uma vez que todos somos da grande familia ibero-americana. E sentimos, acima de tudo, governar-nos a vida e as atitudes aqueles mesmos elementos imponderaveis, que nos dão uma verdadeira expressão original. Nossos povos têm, portanto, os seus destinos ligados perfeitamente entre si.

Foi, na realidade, essa unidade que possibilitou o trabalho de ligação entre as nações americanas. Ela vem extinguindo, pouco a pouco, nas Americas, as divergencias creadas por certos caudillos e também por interesses estranhos. E sentindo profundamente essa força de coesão assim se expressou Saenz Peña: «Tudo nos une, nada nos separa». Foi, de fato, uma voz que se levantou nos pampas. Mas, daqui se ergueu também a compreensão de um cientista e patriota dizendo: «Todos nós somos America».

O entendimento que vem de baixo para cima transforma em abstração as linhas de fronteiras dos nossos países. «Martim Ferro», o poema popular da Nação Argentina, é o poema popular do sul do Brasil e do Uruguai. «Antonio Chimgo», o poema popular do gaúcho brasileiro, é o poema popular das duas nações visinhas. O gaúcho do Brasil sabe de cór a sabedoria do gaúcho uruguaio e do gaúcho argentino. E nessa mesma sabedoria as nossas nações se encontram. Os seringueiros envolvem em seu desbravamento toda a estrutura da Ama-

A UNIÃO

zonias, unindo entre si essa vasta area geografica. As riquezas do Chaco se dividem por va-

rias nações, para uni-las na mesma formação geologica. Nossa mútua compreensão sobe, assim, das nossas riquezas e das camadas do povo. As lutas pela independencia foram lutas das Americas. Ontem aqui. Hoje ali. Amanhã acolá. E

todas as nações por fim se declararam indepen-

ENTRE AS AMERICAS

dentes das Côrtes. Cada uma começou o seu levantamento com as suas proprias forças. Procedeu-se a organização economica. Iniciou-se a sedimentação politica.

Mas, nesse levantamento geral das nossas nações novas, quando tudo parecia marchar da melhor forma, surgiu um novo dominador disfarçando-se sempre em interessado no nosso desenvolvimeto. Quando nos foi dado descobrir os seus verdadeiros fins, fomos impelidos para uma nova luta. Já agora não era uma luta de colonias, mas uma luta de povos que presavam a sua soberania e se esforçavam pela sua independencia. Essa luta se acentua cada vez mais. Ela é a mesma para cada um dos países americanos. Por isso, achamo-nos hoje com mais esse entendimento profundo, ligados numa expressão forte do nosso idealismo.

Se esse idealismo vinha tomando cada dia uma forma mais viva, mais objetiva, agora, com o inicio dessa nova guerra onde os imperios lutam pela conquista de mercados, e, portanto, por uma nova partilha do mundo, alguma coisa mais real se reúne para a perfeição dessa obra de solidariedade. Se tinhamos motivos profundos, pelas afinidades etnicas e culturais comuns, hoje temos fortes motivos creados, ou melhor, acentuados pela nova conflagração. Eles existem em cada um dos nossos países e se completam e se justapõem perfeitamente.

A nossa união se impõe hoje mais do que nunca, uma vez que todos precisam de cada um e cada um precisa de todos. Temos ainda os fatores economicos determinando essa obra de solidariedade. De fato, da necessidade reciproca da nossa produção pode originar-se perfeitamente um justo intercambio economico. Vamos ligar assim a idéa á ação.

Existe o idealismo forte e viril. Existem as necessidades creadas pela segunda guerra imperialista. Existe o inimigo comum que não é mais do que o imperialismo, seja vindo de alem mar, seja descendo em expansão continental como o norte-americano. Vejamos o exemplo doloroso da primeira guerra: porque não tomamos uma atitude de vanguarda, ficamos ainda mais dependentes. Hoje não é possível que aconteça o mesmo. Aliás, neste sentido temos a lição notavel do glorioso povo chinês. Enquanto a China era uma nação de confusões e de descentendimentos, os imperialismos poderam domina-la. Quando em 37 o Japão atacou com a sua furia militarista a China, encontrou uma muralha intransponivel: a unidade nacional do povo chinês, onde a unica condição exigida para entrar nessa frente é a vontade de subjugar as divergencias internas pela resistencia contra a agressão do militarismo japonês. Agora mesmo nos vem a noticia de que as diversas facções da India, os nacionalistas e os principes, os mussulmanos e os hindús, as castas altas e baixas, todos enfim, esqueceram as suas tradicionais animosidades e formaram a unidade nacional para a luta pela independencia. Basta, pois, que iniciemos, assim como o povo chinês e o povo hindú, com vontade e firmeza, um novo periodo em nossa historia continental. Esse periodo é por si mesmo, um periodo dinamico de realizações. Nele devemos ter o nosso integral entendimento. Nele devemos ter a união das Americas. União que gera força. União que nos proporcionará a nossa total e tão almejada independencia. Mas, tenhamos sempre presente uma coisa: necessario é reconhecer que precisamos agir, mesmo com essa unidade continental, com ponderação e previsão, para que não seja-

mos ainda mais esmagados pelas forças imperialistas que nos tohem, dividem e exploram..

Escutai a *nossa mensagem, povos da America!* Tomemos posição ao lado da paz e da neutralidade, trabalhando sem esmorecimentos, no sentido mesmo de impedir o desenvolvimento e a continuação desta guerra, porque ela não só nos ameaça de perto, como nos vem trazendo profundos prejuizos de ordem economica e ainda é um verdadeiro flagelo para o futuro da humanidade. Estreitemos a nossa amizade com mais amplo intercambio cultural, facilitando, portanto, o nosso maior conhecimento. Realizemos a nossa cooperação economica, de país em país, e depois em plano continental, concretizada em acordos comerciais, assentes em justas bases de reciprocidade. Evitemos, por todas as maneiras possiveis, a nossa maior submissão economica aos imperialismos e façamos frente contra as suas forças tentaculares, porque os seus interesses se chocam inteiramente com os nossos. Levantemos nestas bases comuns a nossa união continental, e ela assim será indissolúvel e a tudo resistirá. Sabemos que os problemas são vastos. Mas, basta preparar os nossos espiritos para encontrar soluções, porque elas existem e estão presentes. Além de tudo, a nossa idea e a nossa ação, para um entendimento comum, hoje se determinam pelas nossas proprias necessidades, pelo nosso proprio direito de viver. E' que os povos das Americas têm hoje os seus destinos ligados á paz indivisivel, á segurança coletiva e á independencia absoluta. Façamos, pois, a nossa união num todo compacto para a nossa salvação.

Antonio B. Dias

"Temos horror á guerra, que condenamos sem reservas e sem exames, porque a sua origem escapa, quasi sempre, ao julzo daqueles que dela não participam nem dela são objeto como nós, e porque ela infelicitá e despedaça vencidos e vencedores, sem trazer uma solução, antes preparando novas provações e guerras entre os povos".

"Temos amor á paz, á nossa e á de todos, e por isso procuramos afastar-nos da guerra pela unica forma digna, que é a sua condenação sem discriminações: a neutralidade".

(Oswaldo Aranha)

Mensagem á inteligencia da America

Quando do outro lado o odio e a discordia cavam barreiras profundas entre os povos, SEIVA renova o seu proposito de unir a inteligencia de toda a America em um largo abraço de amizade e compreensão.

A mesma disposição de defender a dignidade do pensamento e a civilização contra a onda avassaladora do barbarismo solidarisa todos os intelectuais honestos do universo, especialmente os da America, e dita-lhes o caminho certo a seguir, a posição justa a tomar.

Para essa tarefa de tornar cada vez mais real a cordialidade entre os povos e resguardar o pensamento humano dos atentados que contra êle estão sendo perpetrados, numa proporção assustadora, urge a união de todos os homens da America, para onde se volve a cobiça dos imperialismos expansionistas, querendo arrasta-la á guerra, união que deve ser começada pelos intelectuais honestos, defensores da cultura e do progresso da humanidade. E a estes intelectuais cabe, por todos os meios possiveis, defender e salvar a cultura, lutando pela paz, clima indispensavel ao progresso e á libertação dos povos. Entretanto, esta luta não é deste ou daquele país, mas de todos os povos latinos-americanos por isso que a todos êles se impõe a sua defêsa das forças de dominação. Daí a necessidade de união das Americas. União que deve ter nos intelectuais americanos a sua expressão mais viva.

SEIVA tem, portanto, as suas colunas abertas a todos os escritores da America que simpatizem com essa orientação e queiram contribuir com a sua inteligencia e a sua bôa vontade para a aproximação de todas as nações americanas, pelo trabalho sincero e desinteressado de seus homens de pensamento.

E' animada desse espirito que SEIVA dirige a sua mensagem de simpatia, de admiração e de fraternidade a todos os escritores da America, até onde possa chegar, mensagem que é um reflexo da simpatia, da admiração e da fraternidade com que olha e deseja sempre olhar os povos a que êles pertencem.

AS REIVINDICAÇÕES DA

Sabe-se que o cacau é a nossa maior riqueza. Se a Bahia pode dizer que exporta para mais de 100 produtos, também não é menos verdade que o cacau é o único produto que pesa realmente em sua balança comercial. Os outros produtos são, apenas, satélites deste grande astro. E baseamos as nossas afirmações em dados estatísticos. E' que o valor da estatística é insofismável. Por ela pode-se perfeitamente avaliar a situação de uma nação, o progresso de um povo.

O cacau em nossa balança comercial

a supremacia do cacau em nosso comercio exportador. E, portanto, como riqueza. Basta um exemplo. E para isto escolhemos justamente tres produtos também agricolas, o café, o algodão e a cana de açúcar. O valor comercial da exportação destes tres produtos em 1939, foi de 23.147.717\$400 para o café, com 230.102 sacos de 60 quilos; de 1.358.548\$400, para o algodão, com um volume total de 390.532 quilos; e de ... 6.561.005\$000 para o açúcar, relativo a um total de 151.393 sacos de 60 quilos.

Enquanto isto, o cacau contribuía com a exportação de 2.208.117 sacos, os quais, reunidos aos 46.746 sacos industrializados no Estado perfazem um total de 2.254.863 sacos de 60 quilos. E, com referencia ao valor, essa exportação attingiu a soma de 223.907.635\$300. Vê-se assim a desproporção notavel de um para outros produtos. E' preciso notar ainda que para aquele ano de 1939, tres fatores já influíam poderosamente sobre a lavoura cacauera: a 2.^a guerra imperialista tirando-lhe todo o mercado europeu que absorveu ainda em 39 o total de cerca de 741.029 sacos; a oscilação continua dos preços já começou; os Estados Unidos, o maior comprador, com 1.451.900 sacos estão aproveitando as consequências da guerra para impor preços ao seu livre arbitrio, por não haver mais concorrência no mercado internacional. A este fator ajuntou um longo periodo de estiagem, que produziu uma redução global de 350.000 sacos, tomando-se como referencia a safra de 1938 que foi de ... 2.230.803 sacos.

Não queremos dizer que esses fatores não hajam influido também naqueles outros produtos, como, aliás, em toda a produção baiana. Mas, o que não resta a menor duvida é a predominancia, quasi absoluta, ou mesmo absoluta, do cacau em nossa balança comercial de exportação. E assim como o cacau se tornou essa riqueza, assim também os outros produtos podiam se tornar. O nosso solo é, neste particular, de ótima qualidade. Que determina, então, esse atraso? E' preciso que se investigue. Não se pode

Então cabe-nos fazer um paralelo, embora ligeiro, para demonstrar

O aproveitamento do cacau

O nosso país é o 2º produtor de cacau no mundo. O cacau ocupa o 3º lugar em nossa balança comercial de exportação. A Bahia é o principal Estado produtor.

Mas, não se compreende ainda, de maneira nenhuma, o valor do cacau como alimento. Até agora só se conhece o seu valor como produto comercial. E nada mais. Esta é a verdade. Principalmente em nosso Estado. E de modo particular na propria zona cacauera. A prova do que afirmamos é que quasi não existe o interesse pelo seu consumo. E' muito pouco o seu aproveitamento na economia domestica. Pode-se dizer que esse aproveitamento é mesmo de todo insignificante. Só se pode compreender essa situação por dois fatores: ou a falta de conhecimento, ou a falta de iniciativa.

Muito poucos dos que se dedicam a esta lavoura usam o chocolate e outros produtos do cacau. Em sua mēsa, o cacau não se encontra. São poucos, também, os que sabem se aproveitar de seus sub-produtos. No entanto, esses sub-produtos são de alto valor e mesmo de consumo assegurado. Onde se cultiva o chá, há sempre um grande consumo do produto. Onde existe a erva-mate, encontra-se o chimarrão em cada casa, mesmo nas mais humildes. Nas fazendas de café, a sua bebida é de to-

LAVOURA CACAUEIRA

é continuar assim por toda a vida. Para a lavoura cacaueira chegar ao que é hoje não contou com nenhum auxilio, nem gosou de nenhum amparo. Fez-se por si mesma. Fez-se pelo esforço titanico dos que desbravaram a terra. (1)

O despertar das forças da lavoura cacaueira Mas além desta exceção profundamente acentuada, ha ainda outras que merecem a nossa atenção. Vejamos esta por exemplo: o despertar das forças da lavoura cacaueira. Para falar com justeza foi a primeira força de todas as forças da nossa lavoura que primeiro despertou no presente para tratar de seus interesses e pugnar pelos seus direitos.

A lavoura da Bahia, havia perdido mesmo a sua voz potente dos tempos passados. Não mais se viu uma exposição clara como aquela feita pelos principios do seculo XIX e que passou para a historia com o nome de « Cartas Economicas e Politicas ». As lutas da Independencia se corporificaram e partiram dos nucleos açucareiros do Reconcavo. E' preciso que se veja com carinho o que representou a civilização da cana de açúcar nas lutas pela nossa emancipação. Os nossos historiadores ainda se encontram muito preocupados com datas e nomes proprios. Achamos que os fatores historicos têm mais importancia. E esses estão ainda aí a espera de uma interpretação honesta e sincera. Só assim se poderá admirar, como é preciso, a nossa herança. E isto será um guia para o futuro. E' que representa um importante instrumento de compreensão e de reconstrução da realidade nacional.

Mas, surge 1930. E desse ambiente de efervescencia, iniciou-se uma renovação. E as nossas forças da lavoura despertam de seu longo sono. Já agora o movimento da lavoura baiana vem surgir no sul do Estado. São os lavradores de cacau que tomam a iniciativa de fundar uma organização de defesa. Depois de muita luta foi creado o atual Instituto de Cacau. Estava assim vitoriosa a campanha.

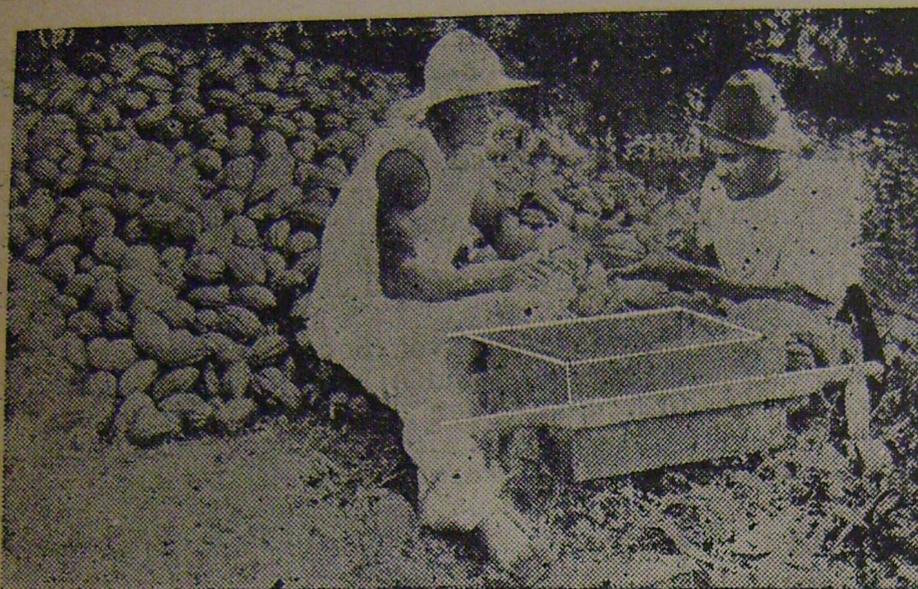
Novo movimento da lavoura A

lavoura parecia, com a vitoria desse movimento, voltar á calma antiga. Mas, aqui e ali, foram surgindo vozes descontentes. E isto foi se corporificando. Artigos em jornais. Debates nas associações de classes. Conferencias. Entendimento entre grupos. Com isto todos vieram a saber que sentiam as mesmas coisas, os mesmos desejos e as mesmas necessidades. Então, por fim, um novo movimento. Não sabemos se foi porque o Instituto não tivesse cumprido as fina-

na economia domestica

dos preferida. Porque não acontece o mesmo com o cacau? E' um grande erro que isto se dê. Nem o chá, nem o mate, nem o café têm o poder alimenticio do cacau. Portanto, vamos generalizar ou melhor popularizar o seu consumo. Em cada fazenda. Em cada cidade. Em cada casa. E' preciso que se trate da fabricação caseira do chocolate. E' preciso que se fabrique a geléa, o doce, o licor de cacau. São esses os seus principais produtos e sub-produtos. Procuremos fazer o seu aproveitamento na economia domestica. E' preciso que se aprenda a consumi-los. E sempre e cada vez mais. O seu valor nutritivo é inestimavel. E' preciso que se tome um novo rumo. E que é perfeitamente determinado não só por esse alto valor nutritivo do cacau e de seus subprodutos, como também pela necessaria ampliação do mercado interno. Será uma nova forma de consumo. Observe-se que essa segunda guerra imperialista paralizou quasi completamente o nosso mercado exportador. Os seus efeitos têm sido profundos para a nossa economia. Será uma maneira facil e accessivel para uma melhor alimentação. Sabe-se que a alimentação no Estado, como na zona sul é ainda um problema. E' a mais precaria possível. O cacau pode atenuar essa sub-alimentação. E' uma valorização do produto. E' uma melhoria nas condições de vida.

lidades, ou se foi por outras razões. Razões é que deviam existir. E o que é certo é que as associações levantaram as questões e as questões foram unanimemente aplaudidas pela lavoura. Dentre outras coisas trataram do



As condições de trabalho na zona cacaueteira são as peores possíveis, apesar da importância dessa produção na economia nacional

problema de transportes, do porto de Ilheus, da moratoria e da redução dos juros da carteira de Crédito Agrícola do Banco do Brasil. E conseguiram realizar, embora em parte, as suas aspirações mais sentidas, como a moratoria e redução de juros do financiamento rural.

Um caso digno de nota é que essa Carteira de Crédito Agrícola, até antes deste movimento de reivindicação, ainda não havia operado com a lavoura de cacau. O que quer dizer: a Bahia ainda não havia sido contemplada com a proteção à lavoura. E o número de

créditos rurais no país, no ano de 39 era de 4.272, no montante de 315.000 contos. Alias, é uma quantia insignificante para um país que ainda baseia a sua economia na agricultura. Veja-se que o Banco do Brasil é o maior estabelecimento de crédito existente em todo o país. Observa-se isto: o Brasil tem ao todo 1.547 municípios. Divida-se o número de financiamentos rurais e o valor dos empréstimos, pelo número de municípios. Caberá para cada município respectivamente, cerca de 2 financiamentos de 200 contos e pouco. Mas, se soubermos que, conforme apurou o recenseamento de 1920, havia em todo o país 648.153 estabelecimentos rurais, temos a importância de 490\$566 para cada um. Poderemos prever que em 20 anos haja se dado uma certa divisão da propriedade. Essas revelações servem, pelo menos, para se ter uma idéia de como estamos longe de realizar um perfeito financiamento da lavoura. E, principalmente, em se tratando do Norte. Segundo as estatísticas, as percentagens em 38 e 39 para esta região foram apenas de 28 %.

Os efeitos da segunda guerra

Veio a segunda guerra mundial. Os seus efeitos logo se fizeram sentir sobre todos os povos. É que ela é uma guerra internacional de luta por mercados. Sobre o nosso país os seus efeitos foram rápidos e imediatos, pesando sobre a nossa economia. O nosso comércio exterior ficou profundamente abalado. Perdemos quase todos os mercados europeus. Pelo menos os melhores. Veja-se que foram vendidos produtos nos oito meses do ano passado anteriores à guerra, no valor de 1 milhão, 351 mil e 778 contos. Estes números dão uma perfeita compreensão dos nossos prejuízos. Convém notar ainda que nos meios financeiros, não só nacionais como internacionais, calcula-se os nossos prejuízos, para esse ano de 1940 em cerca de 50 milhões de dólares. Isto mostra claramente que o Brasil ainda é um país essencialmente dependente. Ainda somos um povo exportador de matérias primas.

Em se tratando da Bahia a situação é realmente desesperadora. O cacau entrou em crise. Além de perder os compradores europeus, caiu nas mãos dos grupos financeiros norte-americanos. E esses grupos estão aí no comércio exportador impondo os preços que bem entendem. Estão se aproveitando admiravelmente da nossa situação de dependência. E não somente isto. Mas também, querendo intervir e mesmo deliberar sobre os nossos problemas. Veja-se a circular do dia 29 de agosto desse ano, da «Camara de Comercio Americana no Brasil» (2). E isto tudo é porque ainda existe uma chamada política de «Bôa vizinhança». Aliás, essa política

está tomando um rumo que não nos parece interessante. Segundo o sr. Edward Johnson, vice-presidente da «Western Newspaper Union», organização que controla nada menos de 15.000 jornais norte-americanos, os princípios de boa amizade e de boa vizinhança, «são elementos essenciais ao desenvolvimento das relações comerciais e economicas».

Mas, a crise não atingiu somente o cacau. O fumo também está em crise. Não encontramos compradores. Os maiores compradores eram os países europeus. No entanto, a Inglaterra fez um bloqueio economico dizendo ser para «salvaguardar o destino dos povos». Sabemos muito bem o que isto significa... O unico resultado foi o que já esperavamos: todos os mercados importadores desapareceram. Hoje as dificuldades dominam inteiramente a economia fumageira. E isto não acontece somente com estes dois produtos. A crise atinge toda a lavoura. E' uma situação agonizante. A asfixia é geral. E' uma apreensão lastimavel que todos sentem e domina todos. Até onde vão os efeitos da guerra...

Os lavradores de cacau querem um empréstimo E deante desta situação os lavradores de cacau clamam novas providencias. De novo se movimentam. Querem um empréstimo para amparo da lavoura. E a questão já se acha bastante encaminhada. O movimento é unanime. E com essa unidade de forças e de aspirações, cremos ser vitoriosa a pretensão. Sim, porque além de tudo é a mais justa. E' a primeira vez que a lavoura do cacau, que já tem contribuido tanto para o progresso do Estado, exige um empréstimo. Vê-se que a situação é excepcional e nunca vista. Ora, assim sendo não ha como negar. Negar, seria um crime. Conceder, será o maior ato de justiça. E de direito. E de humanidade. E' salvar a derrocada de uma riqueza nacional. Proteja-se, pois, em todo o sentido os nossos capitais. Sim, o grão de cacau é capital. A lavoura também. E a terra do mesmo modo. Veja-se ainda que se trata do terceiro produto da exportação brasileira. E os prejuizos registrados são realmente graves.

Mas, segundo consta, ha um impasse: concede-se o empréstimo, mas com a condição de acrescido um imposto de garantia. Os lavradores não se conformam com esta medida. Alegam muito justamente que os impostos que pesam sobre a lavoura cacaueira são bastante acentuados. E dessa maneira, vai sobrecarregar o produto. Na verdade não deixa de haver motivos fortes. Sabe-se que cerca de 25 % do valor da produção é absorvido anualmente pelos impostos. Significa que em quatro safras, uma safra é levada em conta da tributação. Ora, não resta a menor duvida que assim pode ser onerada profundamente a lavoura.

Outras reivindicações da região cacaueira Não ficam somente

neste ponto as pretensões dos agricultores de cacau. Vão mais além. Desejam a construção do porto de Ilhéus, com a desobstrução da barra.

Um jornal da região assim se expressa: «O espetaculo de navios ancorados ao largo esperando o bom tempo ou enchente da maré já é coisa bastante comum e fala por si mesmo sem precisar de outros comentarios. Esperamos até agora a vinda de draga mais possante, obras fixas que nos livrem de extranho bloqueio que só traz prejuizos de toda ordem». E' mais um problema a resolver. Mas, não fica nisto. Procuram a redução dos impostos. Ha a questão do imposto de caes. Em resposta a esse movimento o Departamento Administrativo do Estado afirma o seguinte á Associação dos Agricultores de Ilhéus: «... Tenho a satisfação de participar-vos que, consoante o deliberado por



Varios tipos de cacau são encontrados na zona produtora do sul baiano

este Departamento, esta Presidencia, nesta data, teve entendimento pessoal, com o Interventor Federal no Estado, do que resultou a declaração, por sua excelencia feita, de que a suspensão da cobrança referida se efetivará em 1.º de Setembro proximo». Ainda vê-se que mais uma nova reivindicação da lavoura deve ter sido satisfeita. Ainda ha mais: toda a zona cacaueira vem reclamando contra o fisco. Já foi permitido um decreto com fim de melhorar a situação. Mas, enquanto isto, o clamor continúa. Os comerciantes desta zona, que são em sua maioria também agricultores, reclamam contra as execuções fiscaes. Ainda agora a Associação Comercial de Ilheus recebeu a seguinte queixa do Municipio de Rio Novo: « Multas escorchantes impostas comercio praça Barra do Rocha e Dois Irmãos pelo fisco estadual, preste execução, ameacam falencia total comercio. Edigio Muniz multado mais de setenta contos de réis, Antonio Mota 120:000\$000, Otavio Ribeiro 30:000\$000, Arnaldo Rocha 50:000\$000, ainda muitos outros também quantias elevadas. Atendendo situação desesperadora atravessa comercio motivada principalmente diminuição produção cacau e consequente desvalorisação produto, rogamos na qualidade de socios desta associação, valiosa intervenção junto governo afim nos permitir pagamento imposto com dispensa multas». A referida Associação imediatamente pediu providencias ao governo estadual nestes termos: «Atendendo situação gravidade crise atravessa zona cacaueira, solicitamos governo vossencia suspender executivos fiscaes estão arrastando estado penuria pequenos lavradores com perda suas propriedades, meios subsistencia, efeito arrematação praça referidos bens, fato esse vem produzindo peor impressão publico». O apelo é o mais justo. Merece ser levado em consideração.

A questão dos transportes no sul do Estado

Se não nos falha a memoria o sr. Tosta Filho, em conferencia realizada no Sindicato dos Agricultores de Cacau de Ilheus, afirmava, com a sua autoridade, que um dos principaes problemas da zona cacaueira era o problema de transportes. E, na verdade, é isto mesmo: os transportes na zona sul são deficientes e caros. Ha a questão do transporte maritimo. Fm 1932 o «Lloyd Brasileiro», estudou a possibilidade de fazer, com a sua frota, a exportação direta do cacau. No entanto, teve que afastar-se dessas cogitações, diante da impossibilidade da entrada de navios de grande calado no porto de Ilheus. Procurou-se, então adotar o sistema de tráfego mutuo, com os navios da «Cia. Eahiana». Mas, isto não foi avante e praticamente não resolvia. Hoje a situação é cada vez peor. Ha o transporte rodoviario. Esse é o que, apesar de tudo, melhor satisfaz as necessidades da zona. Ha o antiquado transporte em lombo de burro. Mas, enquanto não se resolver coisa melhor, ele continua... Ha ainda o transporte ferroviario. Este é deficiente, moroso e desorganizado. As tarifas são das mais elevadas. O material ferroviario é o peor que se possa imaginar. Não se fazem melhoramentos nas linhas, nem tão pouco se adquirem novos materiais de locomoção. Esse serviço está a cargo da chamada «Companhia Estrada de Ferro de Ilheus á Conquista», mas que não passa de um dos muitos ramos do grande trust inglês «Western» que explora estradas de ferro em quasi todos os países do mundo. As suas receitas são sempre crescente, os lucros são verdadeiramente assombrosos, mas não se faz nenhum melhoramento. Todos os lucros são canalizados para o escritorio central em Londres.

Mas, agora o governo vem nacionalizando varias empresas estrangeiras que existem em todo territorio nacional. Temos o caso da expropriação da «Port Of Pará» que, além de tantas outras coisas, havia recebido indevidamente do Tesouro Nacional a notavel soma 354.934:381\$000. Aí está a encampação da «Amazon River» por não vir atendendo ao interesse publico e haver exposto a «inexequibilidade de qualquer contrato a que não fosse assegurada uma subvenção anual nunca inferior a... 6.500:000\$000 ou novo aumento de fretes e passagens». Agora mesmo foram incorporados ao patrimonio da União os bens e direitos existentes, em territorio nacional, da «Brasil Railway Company». Assim acontecendo, não seria demais se proceder um estudo da verdadeira situação da «Estrada de Ferro de Ilheus á Conquista». Sepelo mais uma reivindicação conquistada não só pela zona cacaueira, como também pelo proprio patrimonio nacional. Essas soluções, como bem afirma o sr. ministro Mendonça Lima, são as soluções convenientes á Nação. E' livrar o interesse coletivo das manobras de certos grupos financeiros. Aliás, aqui em nosso Estado temos mesmo o exemplo da «Leste Brasileiro» tomada de um grupo financeiro francês. Já é tempo de se dizer: basta de tanta especulação.

Classe que se organiza, é classs que reivindica direito Está aí porque a classe produtora do sul do Estado vem conquistando as suas reivindicações mais sentidas: porque se organizou. Com efeito, ha na zona sul, uma das maiores organizações da lavoura em todo o país. Temos em Ilheus uma Associação de Agricultores, um Sindicato de Agricultores de Cacau e duas Cooperativas Agrícolas. Em Itabuna ha uma Associação, um Sindicato de Pequenos e Medios Agricultores. No Municipio de Itapira ha um Sindicato de Agricultores de Cacau e outro no Municipio de Rio Novo. Canavieiras e Belmonte têm tambem as suas Associações. E tudo isto ontem, como hoje, se movimentação unificado para defesa dos direitos da lavoura. Já compreenderam que só no movimento e com o movimento pode haver vida. E dizer vida, é dizer realização, é dizer melhoria de condições Assim a lavoura de cacau é hoje um todo conciente de sua força. Só nas coisas que se acham a si mesmas, é que se conhece o verdadeiro valor. E as forças vivas só se formam por esse processo.

Exemplo para ser imitado Se isto acontece com a lavoura cacaueira, é justamente o que não se dá com as outras forças da lavoura do Estado. Vemos os lavradores de fumo, depois que iniciou essa nova guerra imperialista, passando pela maior crise conhecida. A cultura de mandioca, que se desenvolvia rapidamente, já se encontra asfixiada com a brusca e injustificável redução de preço de 400 réis para cem réis. E os plantadores de cana? E a mamona? E os fazendeiros de café? E os pobres agricultores do Nordeste e do São Francisco?

Mas, ninguem se organiza, ninguem se movimenta. Mesmo observando como estão sendo satisfeitas as reivindicações dos agricultores de cacau. Vão deixando para um amanhã... E a situação vai tambem peorando cada vez mais. Não vemos como não imitar os agricultores do sul do Estado. Basta tão somente imitar. E' um exemplo a ser seguido. E' um justo programa. E programa que deve ser atacado imediatamente pelos proprios agricultores, afim de que o governo fique realmente conciente de suas necessidades, para que possa dar solução adequada a todos os grandes problemas da lavoura baiana. Isto se chama cooperação. E a «coperação é, agora, mais do que nunca, como já afirmou certo jornalista baiano o, empenho que o Estado precisa para o seu progresso e para a ampliação da orbita economica».

(1) — Temos neste sentido, o depoimento insuspeito de um grande tecnico, Gregorio Bondar: «Não foram os efeitos de braço estranho, não o ouro de abastadas bolsas, não foi o amparo de governos fortes, mas a constancia de modestos homens, a intrepidez do trabalhador patricio, cujo unico capital constituia nos seus braços quem a fez triunfante».

(2) — Levanta um apelo aos capitais americanos existentes no país, afim de estarem atentos a «uma guerra economica americana no continente ocidental». Em seguida, a Circular acrescenta ser um verdadeiro «dever patriótico» de toda firma, de toda empresa, de toda organização americana mandar representantes ás sessões da referida Camara de Comercio.

COMO VÃO OS INTELECTUAIS PELO MUNDO

Procurando-se vêr a posição dos intelectuais em face do conflito atual, em todo o mundo, verificamos que ela é a pior possível. Em todos os países processa-se um tolhimento completo da liberdade de pensamento! Nos fascistas ha muito que ela não existe. Nos "democratas" diretamente envolvidos pela guerra, atualmente, este esmagamento chega ás raias do absurdo. Nos demais países, o fenomeno obedece ao sentido dos bandos beligerantes, por isso que ha uma dependencia forçada entre todos eles.

Na França e na Inglaterra, falando somente dos países "democratas", a re-

pressão aos intelectuais tem sido extraordinaria. Centenas deles encontram-se jogados nos campos de concentração ou nas prisões, quando não foragidos. Escritores que honram a cultura contemporanea consomem-se em cubiculos, com o pensamento enjaulado!

E porque tudo isso?

Será que a cultura é hostil á guerra? Será que só ha lugar para um?

Será que esses intelectuais se tornam inconvenientes, dizendo coisas prejudiciais aos interessados na guerra?

Que será?

RECEITA DO MUNICIPIO DE ILHEUS

Temos no Município de Ilheus um serviço de estatística que pode ser comparado aos melhores existentes no país. Esse serviço de estatística vem trazendo excelentes resultados. Hoje, já se pode conhecer perfeitamente a verdadeira situação daquele Município. Já existem dados capazes também de se proceder a uma análise objetiva sobre as suas possibilidades, como sobre as suas necessidades.

Agora mesmo foi publicada uma estatística comparada da receita do Município, com a receita de dez capitais brasileiras. Esta faz a seguinte descrição.



Municípios	1938	1939
Ilheus	3.156:512\$550	3.713:634\$129
Maceió.	3.018:000\$000	2.913:600\$700
Vitoria.	2.874:597\$000	3.445:357\$000
Aracajú	2.263:884\$700	2.536:933\$300
Natal	2.043:849\$000	2.037:024\$000
Florianopolis	1.851:593\$023	1.936:391\$000
João Pessoa	1.775:798\$999	2.087:320\$450
Terezina	1.098:451\$400	1.211:593\$500
Cuiabá.	691:011\$000	643:693\$000
Goyania	627:681\$000	851:439\$700
Rio Branco	453:119\$500	519:684\$700

Vê-se clara e perfeitamente a superioridade das rendas de nosso Município, para as rendas destas dez capitais de Estados. Com efeito, si se tomar como exemplo o ano de 1939, a receita de Ilheus tem uma diferença para mais de 800:020\$427 para Maceió, de 268:277\$129 para Vitória, de 1.777:363\$129 para Florianópolis, de 1.626:313\$679 para João Pessoa, de 2.502:040\$629 para Terezina, de 3.069:941\$129 para Cuiabá, de 2.862:194\$429 para Rio Branco. No entanto, essas capitais têm os seus serviços de transportes desenvolvidos, têm grande numero de escolas; têm os seus colegios; têm as suas faculdades superiores; têm perfeito serviço de agua, esgoto, telefones, bondes e iluminação elétrica; têm, enfim, todos os requisitos de civilização equivalentes á sua importancia e ao seu desen-

volvimento. Goyania, por exemplo, tem um indice de construção de 2 predios por dia. Em seis anos, apenas, já possui . . . 3.349 predios urbanos. Mas, não progrediu apenas no plano de construções. Diz certo comunicado telegrafico: «Ela se apresenta não só com avenidas modernas, artisticamente ajardinadas, como também ostentando varias instituições de cultura historica, filosofica, literaria, educativa e, em estabelecimentos modelares, culturais, esportivos, filantropicos, artisticos e sociais». Além disto obedece a um perfeito plano de urbanisação e de engenharia sanitaria, tendo também «hospitais, leprosario, casas de saude perfeitamente aparelhadas, estabelecidas mais pelo interesse de servir bem, que pela vaidade de ostentar vistosos e caros instrumentos». Maceió tem a sua Faculdade

de Direito e está com o seu porto quasi concluido, com otimo aparelhamento. A Paraíba tem em Cabedelo um porto que satisfaz plenamente as suas necessidades, e Vitoria falta pouco para terminar a construção do seu. Cada uma destas capitais se acha servida tambem por boas estradas de ferro e um parque industrial em franco progresso.

E Ilheus? Uma escola normal, um collegio secundario, algumas escolas primarias, sem o necessario aperfeiçoamento, como tambem sem o devido material pedagogico. O serviço de iluminação é o peor possivel. O serviço de telefones tambem. Não ha organização de transportes urbanos. O serviço de agua e esgoto ainda deixa muito a desejar. E' servida por uma das peores estradas de ferro que existe no Brasil. A empresa exploradora é a «The State of Bahia South Western Railway Co. Ltd». Tratando do problema dos transportes no sul do Estado assim se expressou o sr. Tosta Filho sobre essa estrada de ferro: «o desenvolvimento dos transportes não foi além de uma rudimentar ferrovia que se limitou a tocar a produção em determinados pontos obrigados de concentração, deixando nas faixas produtivas, cujo cacau chegava ás suas estações enormemente onerados pelo custo do transporte primario, feito em lombo de burro, para depois ainda pagar fretes mais altos que em qualquer ferrovia do país». Aliás, uma coisa que sempre desejamos foi fazer uma apreciação geral e minuciosa sobre essa empresa estrangeira. No entanto, nunca nos foi possivel faze-lo. Nunca encontramos uma só publicação a respeito dos balanços, como tambem de suas contas de lucros e perdas. Sabemos que essas publicações foram sempre feitas em Londres e por lá ficavam. Mas, agora, talvez a situação se modifique com a nova lei sobre as sociedades anonimas. Essas empresas estrangeiras que estavam habituadas ao regime de dupla contabilidade, não poderão mais furtar-se ao dever de dar ao publico todos os esclarecimentos necessarios sobre as suas atividades. Além disto, seria preciso certas medidas no sentido dessa empresa melhorar as condições de seu material de locomoção e diminuir as suas tarifas. Ou então, proceder-se á rescisão do contrato e, por sua vez, a sua incorporação ao patrimonio nacional.

A situação do porto de Ilheus é talvez ainda mais lastimavel. Cerca de

200.000 sacos de cacau se encontram depositados em armazens onde se pode dar a deterioração do produto, aguardando transportes. A barra se acha obstruida. E o comercio exportador do sul do Estado está quasi por assim dizer, paralizado. No entanto, dado o volume de exportação de cacau pelo porto de Ilheus, era de se esperar que este porto fosse um dos mais bem aparelhados não só do Estado, como do país. Veja-se que o cacau ocupa o 3.º lugar na balança comercial do Brasil. Mas, agora, que se acham em estudo alguns projetos de desenvolvimento dos portos do país, é de se esperar que o sul baiano seja olhado com o devido interesse. E' preciso um porto modernamente aparelhado para satisfazer as necessidades da região mais progressista do Estado. E' preciso que se observe que o contrato de exploração do porto de Ilheus já caducou de ha muito. As suas clausulas nunca foram cumpridas devidamente. Aliás esta questão foi verificada pelo sr. José Americo, quando Ministro da Viação. E' preciso, pois, uma reforma total e definitiva neste problema.

Não ha, tão pouco, no Municipio, uma só escola tipicamente rural. No entanto, é uma necessidade. Trata-se de uma localidade que faz parte de uma região essencialmente agricola. E o preparo tecnico pelas escolas rurais seria de otimo resultado pratico. Veja-se o exemplo de Blumenau, no Estado de Santa Catarina: agora mesmo inaugurou a sua Escola Agricola Municipal. O municipio de Ilheus tambem poderia ter a sua. Essa escola poderia ter por finalidade difundir o ensino agricola em todo o sul do Estado. Sabendo-se o quanto é necessaria a difusão do ensino especializado dos varios ramos da agricultura, poderia ser instalada uma Escola Agricola de Curso Primario e Medio pelo Instituto de Cacau, com a cooperação do governo Estadual, dos prefeitos dos diversos municipios e das Associações e Sindicatos de Agricultores do Sul do Estado. Seria um empreendimento valioso para o mais amplo desenvolvimento da agricultura no Sul do Estado, como de seu maior aperfeiçoamento tecnico. Isto não só em referencia ao cacau, como tambem para garantia no estabelecimento da policultura. Em se tratando do cacau, veja-se o que se tem feito em Cuba com um outro produto agricola. Sendo Cuba um país cujo produto principal é a cana de açúcar, hoje a grande maioria de seus tec-

nicos em agricultura são tecnicos especializados em cana de açúcar. São agnomos açucareiros. No sul do Estado podia-se fazer o mesmo: formar tecnicos cacaucultores. E' preciso que se observe o que diz o sr. Tosta Filho: «O Instituto de Cacau encontrou a agronomia brasileira sem um só tecnico de cacau, não obstante a ancianidade do *Theobroma* no país e o vulto crescente de sua exportação». Acrescenta ainda o mesmo tecnico: «Tirante o sr. Bondar e dois ou tres estudiosos locais, cuja capacidade pessoal permitiu-lhes acumular um grande acervo de conhecimentos, de certo cunho científico, os produtores, em geral, quando meditam sobre os aspectos tecnicos do cacau fazem-no na base de uma observação toda subjetiva, mercê da qual acreditam, não raro, nas mais absurdas normas a par de interessantes e talvez verdadeirissimas observações, tudo, porém, sem sistematização e controle positivo». Deante destas afirmações de um tecnico reconhecido como o sr. Tosta Filho, vê-se que domina na cultura do cacau o mais triste empirismo. Portanto, não ha outra solução, senão a fundação de uma escola para formar tecnicos. Só assim se poderá chegar á «obtenção do melhor produto pelo menor preço, com o maximo de vantagens assegurado aos legitimos produtores que são os lavradores, os que amanham a terra».

Mas, voltemos á nossa analise sobre a receita do Municipio de Ilheus. Vimos que a sua receita em 1938 foi de 3.156:512\$550 em 1939 de 3.713:634\$129. Durante esses dois anos a receita arrecadada no Estado foi de 109.579:400\$000 para 38 e de 106.840:000\$000 para 39. Tomando-se, por exemplo, o ano de 1939 e

dividindo-se o total da arrecadação pelos 150 municipios existentes no Estado, caberá para cada um, uma receita de. 712:266\$666. Estamos fazendo uma divisão equitativa, somente para a comprovação dos dados estatísticos. Então, sabendo-se que Ilheus contribue, como já observamos, com a receita de. 3.713:634\$129, vemos que ele contribue com cinco vezes mais que aquela percentagem e ainda restando 152:300\$791, quantia essa que é mesmo superior á arrecadação de muitos municipios baianos. Ora, isto acontecendo, é justo que, pelo menos, os problemas mais urgentes deste Municipio tenham a devida solução. Esses problemas, ao nosso ver, são os seguintes: o financiamento da lavoura, o escoamento da produção de cacau, orientação tecnica da cultura, a construção do porto, o melhoramento no sistema de transportes ferroviarios e maritimos, e certa complacencia na arrecadação dos impostos. E' de se ver que todas essas medidas não têm carater absolutamente municipal, mas um carater regional. Todas elas vão de encontro ás necessidades imediatas de todo o sul baiano. E não será exagero dizer-se que o sul do Estado até agora tem sido relegado ao mais exclusivo abandono. Sabe-se que somente cerca de 1 a 1,1/2 por cento das arrecadações estadoais e federais têm sido, até agora, revertido em seu beneficio. Ha necessidade que essa situação se modifique. Não pode mesmo continuar. Satisfazer as reivindicações do sul baiano, constitue o resgate de uma longa dívida do Estado e da Nação para com essa região que tem um patrimonio que representa o maior sustentaculo da vida economica e financeira da Bahia.

As inversões inglesas no mundo

Nas relações internacionais, as inversões das grandes potencias capitalistas em outros países desempenham um grande papel. Estas inversões podem ser de diversas formas. Os capitalistas de um país, ou fazem um emprestimo a outro país, ou adquirem ações em empresas do estrangeiro. As inversões de capitais de uma potencia capitalista em outro país ficam ligadas á influencia dos imperialistas estrangeiros na politica desse país, nas suas relações internacionais e, tambem, frequentemente, no regimen e na situação do povo.

A Inglaterra possui as maiores inversões de capitais no estrangeiro. Os imperialistas britânicos utilizam suas inversões para exercer pressão sobre os governos de outros países, para alentar uma politica reacionaria, para arrastar os pequenos países á guerra.

A soma total de inversões inglesas no estrangeiro, ascendia em começos de 1939 a 3 bilhões e 292 milhões de libras esterlinas. O lucro dos capitalistas ingleses nestas inversões pode ser avaliado em 165 milhões de libras esterlinas, em 1938.

A massa fundamental dos capitais ingleses se encontra invertida em emprestimos estrangeiros a Estados e Municipalidades, chegando a 1 bilhão e 938 milhões de libras esterlinas. Esta soma se acha repartida da maneira seguinte: 1.081.000.000 de libras esterlinas invertidas em emprestimos a dominios e colonias inglesas; 317.000.000 de libras esterlinas em emprestimos a outros Estados (europeus), 107.000.000; sul americanos, 126.000.000; no Japão, 42.000.000; na China, 25.000.000; e em outros países, 17.000.000.

As inversões das sociedades inglesas que funcionam no estrangeiro somam 1.209.000.000 de libras esterlinas. Finalmente, 685 milhões de libras esterlinas estão invertidas em sociedades estrangeiras nas quais a administração não se acha inteiramente concentrada em mãos britânicas, porém estão fortemente influenciadas pelos capitalistas ingleses.

PALAVRAS À MOCIDADE

Sejam ativos! — é a minha primeira palavra á juventude. O inimigo que eu combato é: "Para que?" — Eu sei que estas palavras minam a energia juvenil.

Ha duas especies deste "Para que?": a primeira advem do orgulho; a segunda, da fraquesa. Ambas são uma expressão de impotencia. A mais nociva das duas, porém, é a primeira, porque transforma o defeito num objeto de refinamento. E' o defeito daquela casta intelectual que não deseja entrar em combate com os homens e as suas leis, estas leis que são um atentado aos seus privilegios, que limitam os seus direitos e rebaixam a sua categoria humana.

A falsa "aristocracia do espirito" nunca conheceu a palavra do grande Goethe: "O homem alcança a certeza de sua propria existencia quando reconhece a existencia de outros como seus iguaes e como submetidos ás mesmas leis". Os aristocratas do espirito se isolam no que chamam "liberdade", que, na realidade, é uma gaiola que pende entre o céu e a terra e na qual realizam façanhas vaidosas com o seu "intelecto puro", que é esteril e infrutifero...

Mas, como podemos viver isolados, quando as ondas tempestuosas da vida se rompem em torno de nós e penetram pelas fendas de uma nova era?

O segundo "Para que?" é o da simplicidade. Sua situação basica é um complexo de inferioridade. Os jovens que sofrem dele, cansados da vida antes de terem começado a viver, com os seus olhos inquietos observaram os campos de batalha dos tempos de hoje e as enormes massas humanas neles absorvidas. Amedrontam-se ante a propria fraquesa e avaliam mal as proprias forças. Cheios de resignação, perguntam: "Que poderemos alcançar? que poderemos fazer?"

Certamente, muito pouco, si cada um de nós, isolado, faz seu caminho separadamente. Mas, o fato grandemente significativo que a hora atual da Historia do mundo nos apresenta, é que não ha mais homens realmente isolados, afóra aqueles que o querem ser e os quaes se enganam a si proprios, porque, conquanto não o saibam, são arrastados pela torrente...

Na minha juventude conheci um tempo tropego e indifferente. Foi quando a atividade isolada, individual e mesquinha tinha algum valor. Era uma vida espiritual de migalhas. Combatíamos arvorando a bandeira do individualismo heroico, que era o nosso animador nas longas peregrinações através dos desertos espirituales daqueles anos.

Mas, quando estalou a tempestade, não tivemos abrigo nem proteção. A arvore que encontramos e sob a qual procuramos abrigo era semelhanté aos pinheiros que, apesar de altos e bem desenvolvidos, não estão, porém, suficientemente enraizados no solo. Precisamos por isso semear uma nova especie de individualismo, da puelle que se enraiza no coração da grande comunidade humana. O referido individualismo está sendo efetivado, não nos sonhos dos idealistas do passado, como os Beethovens e os Friedrich Schillers, mas nos atos, no serviço social, na comunidade dos homens.

Nunca o pensamento humano foi fecundado por um movimento mais poderoso, mais extraordinario, mais largo e brilhante do que o atual. Para ele jorram todas as nascentes, nele vertem todos os rios da liberdade.

Não, agora não é tempo para melancolia e ceticismo.

Se admitimos nas nossas fileiras a duvida, não é mais na forma de negação, da negação que enfraquece a vontade. Nem da mentira, que era tão característica das gerações burguêsas. A duvida está agora servindo ao intellecto, como um instrumento dinamico de pesquisa. Ela serve para ladear as dificuldades e obstaculos que encontramos no caminho da verdade. Estamos armados de um relativismo positivo, de uma dialetica que é tanto flexivel como heroica. A nossa dialetica combate, vence e constróe. Sejamos fortes no meio da tempestade. Acarretemos todas os impecilhos ao inimigo, até que a sua furia se agrave e tenhamos de cair na luta. Saudemos a oportunidade de tomar parte num dos momentos decisivos da Historia Mundial. Tenhamos todos a consciencia do momento. Não esqueçamos a nossa grande missão e nos lembremos de que as nossas forças são incontaveis. Porque, cada um de nós é um militar que caminha na luta contra a demencia, a injustiça e a impiedade que escravizam e exploram a humanidade!

ROMAIN ROLLAND

Nossa desorganização econômica

A Camara Brasileira de Comercio acaba de publicar os dados estatísticos referentes ao nosso comercio com o Uruguai no ano de 1939. Esses dados vieram nos esclarecer em muita coisa. Vê-se, por exemplo, que o país vizinho nos exportou, em gado em pé, produtos pecuarios e textis, frutas e hortaliças, num total de 5.593.560 pesos. Enquanto isto, o Brasil forneceu-lhe mercadorias no valor 3.580.915 pesos. Estas mercadorias foram as seguintes: madeiras, produtos alimentícios, materias primas e frutas. Em resumo, as estatísticas apresentam esses artigos como sendo os permutados pelos dois países irmãos.

Mas carece de um comentario os dados da Camara Brasileira de Comercio. Em primeiro lugar é preciso salientar o enorme saldo que a pequenina nação obteve sobre o nosso país tão imenso. Nada menos de 2.012.645 pesos em pouco mais de 5 milhões. Diante disto só se pode concluir que o Uruguai tem a sua economia organizada. E o que é mais característico é que na relação de produtos importados, existem muitos que deveriam existir mesmo para uma relativa exportação.

O gado em pé, por exemplo, o Brasil, depois das Índias Inglesas com 165.540.000, os Estados Unidos com 67.980.000 e da U. R. S. S. com 49.256.000 de cabeças, tem o maior rebanho bovino do mundo. Com 40.864.000 cabeças tem o seu rebanho bovino classificado em 4.º lugar. Entretanto a Argentina, ocupando o 5.º lugar, com 30.860.000, concorreu, em 1936, com 473.500 toneladas de carne de vaca na exportação mundial, abatendo 6.556.000 cabeças, quando o Brasil alcançou 78.311, abatendo 4.538.000. E o Uruguai que tem um rebanho de 7.372.000 cabeças vende ainda quasi o duplo de carne do que nós vendemos. E até somos seus freguezes. . . E' certo que os seus rebanhos são melhores que os nossos. Até mesmo que os rebanhos do Rio Grande onde a pecuaria vem se desenvolvendo, nestes ultimos anos, de maneira bastante promissora. Temos ainda as nossas pastagens de veras deficientes. São não só descuidadas, como também consideradas como coisa de valor secundario. Porisso, o nosso rebanho não é e não pode ainda ser considerado de primeira qualidade. Então, apesar de ter-

mos capacidade para exportarmos, vá lá que importemos gado em pé do Uruguai. Mas, importarmos hortaliças? Importarmos produtos de pecuaria? Importarmos produtos textis? é o caso de se dizer: é coisa que não compreendemos, de modo nenhum, porque hajamos de comprar ao Uruguai. É sobretudo em se tratando de produtos textis. Sim, porque o certo é que temos uma industria superior á uruguiaia. Ha em todo o nosso país um total de 352 fabricas, com 81.000 teares, 2.709.000 fusos. A nossa produção atinge a 753.000.000 de metros, num valor de 2.108.000, contos, para um total de 8.179.000 contos da nossa produção manufatureira. E exportamos em 1933, 4.850 contos de produtos textis, para uma exportação de 18.040 contos da produção manufatureira. Sendo assim a contribuição atinge a 27% para o total. Então, isto poderia ser uma razão bastante forte para nos impedir de importar produtos textis do Uruguai. E principalmente quando se fala, a todo instante, em superprodução destes artigos. Apesar de sabermos que não ha super-produção, mas unicamente sub-consumo de 649.000 fardos. Aliás menos que na China e na India que consomem respectivamente 2.340.000 e 3.012.000 fardos. E' que o brasileiro, segundo Roberto Simonsen, só consome por ano cerca de. 200\$000, devido ainda a um verdadeiro salario de fome. E o sr. Piza Sobrinho já afirmou que se todo brasileiro consumisse duas roupas por ano, nosso algodão mal daria para o consumo interno. Veja-se que depois dos Estados Unidos, a India, a União Sovietica e a China, o Brasil é o maior produtor de algodão no mundo, atingindo em 1937 uma produção num total de 11.137 em 100 toneladas. Isto tudo vem em reforço da nossa afirmação: não ha super-produção, mas sub-consumo. Mas, vá lá também que haja uma coisa ou outra. Afinal estamos em um país semi-colonial, e, portanto, dependente. Porém, o que não é certo é que havendo saturação no mercado textil nacional pelo baixo poder de aquisição do nosso povo, se compre produtos textis em outros países. Isto não está absolutamente certo. E' um perfeito contrasenso. E contrasenso que não tem nenhuma justificativa.

Depois de tudo, cabe fazer uma pergunta: que logramos vender aos nos-

...os bons vizinhos uruguaios? Unicamente isto: um total de vinte e sete mil contos de madeiras que lá não existem, dez réis de materias primas, duas patacas de produtos alimenticios e algumas toneladas de bananas. E o café? Onde o algodão? E o cacau? Onde o fumo? E os produtos da nossa florescente industria?

O povo uruguaio tem uma capacidade aquisitiva bastante elevada. Alto é também o seu nivel de vida. E tem a sua moeda perfeitamente valorizada. Onde compram os nossos irmãos uruguaios? Onde compram tantas coisas de que poderiamos facilmente abastecer-los? Assim interrogamos porque, em realidade, á parte o trigo, que está classificado em 32.º lugar para a produção mundial, com 412.000 toneladas e o seu rebanho selecionado, que alcança 19.º lugar frente aos países criadores, o Uruguai nada tem que não possuamos em grande escala, ao passo que lhe falta um mundo de artigos que aqui existem mais ou menos em abundancia.

Como se vê, além de insignificantes no total, são absolutamente deprimentes

para o nosso país os numeros em que se expressa o nosso comercio com o Uruguai, que é a nação americana mais vizinha e mesmo mais irmanada conosco em todos os sentidos da politica internacional. E' um caso de se pensar e se dar solução. E principalmente quando perdemos grandes mercados devido ao bloqueio economico da segunda guerra imperialista, tendo os Estados Unidos como quasi o unico freguês. Isto é bastante perigoso. Temos a dura lição do que essa dependencia exclusiva de um mercado exportador representou em 1914: fomos arrastados para uma guerra imperialista. Somos pacifistas e queremos levantar, com o nosso proprio esforço, as forças economicas do nosso grande país. Então, precisamos de ampliar os nossos mercados externos. Ampliar e fortalecer. Pela Africa, pela Asia, pela Oceania e principalmente pela America do Sul. E, de modo particular, no Uruguai. Esses novos mercados significam, acima de tudo, independencia de ação e de realização.

AS OSCILAÇÕES DO SALARIO RURAL EM 1939

O Serviço de Economia Rural, através de sua Seção de Pesquisas Economicas, vem trabalhando muito empenhadamente no estudo das condições em que é feito o trabalho rural no Brasil, visando, assim, conhecer os habitos e os costumes do homem da gleba, do trabalhador rural, desde o modesto capinador, peão, ao técnico que empresta seus esforços ás indústrias rurais.

Destes inquéritos amplos, que varejam todos os recantos da atividade do trabalho nos campos, há já uma parte, do maior interesse, que póde ser resumida.

Esta parte refere-se ao salario. Os salarios mínimos, de 1.500 a 1.800, em 1929, desapareceram, sendo que o mínimo agora registrado é de 2\$000 a 8\$000 e o maximo de 3\$000 a 12\$000 a sêco.

Apreciando as oscilações que se verificaram dentro da década referida, o quadro organizado apresenta a porcentagem destas oscilações, relacionando-o com os salarios de 1929. Por aí vemos que houve Estados em que o salario aumentou porcentualmente em 10 % (Amazonas) 27 % (Pará), 14 % (Maranhão) 32 % (Piauí), 25 % (Ceará), 7 % (Rio Grande do Norte), 50 % (Pernambuco), 4 1/2 % (Territorio do Acre) e outros oscilou para menos.

Em um só Estado não se registrou oscilação apreciavel, o de S. Paulo. Hoje, quando estão provadas as repercussões da deficiencia do mercado interno na vida economica dos países, é de grande interesse os dados citados.

Ora, sabemos que as populações rurais do Brasil constituem a maioria da sua população. Levando-se em conta, conforme os dados acima mencionados, que o salario maximo ocila entre 3\$000 e 12\$000 e o minimo entre 2\$000 e 8\$000, pode-se muito bem ter uma ideia do baixo nivel de consumo deste setor da população nacional que é sua maioria.

Como vemos, pois, ainda é muito baixa a capacidade de consumo das nossas populações rurais, o que constitue um serio entrave ao desenvolvimento economico do país.

●

Vozes do mundo



Eu olho a Vida com tristeza.
 Eu ouço o câro de vozes angustiadas
 vindas de todos os recantos da Terra.
 Da Europa, escuto através dos mares,
 o estrondo de canhões assassinos.
 Sinto
 o cheiro da polvora que arde nos campos de batalha.
 Vejo
 uma coorte infinita de homens que em passos cadenciados
 vão marchando em caminho da morte coletiva,
 sob os aplausos da multidão enlouquecida.
 Vejo
 os navios como ataúdes enormes
 e parece o oceano imenso tumulto
 recebendo os corpos atléticos dos seus filhos,
 os marinheiros intrepidos.
 Depois ... eu vejo a terra coberta de sangue,
 e os homens cobertos de luto.
 Ouço
 o grito das crianças sob o estampido de bombas mortais,
 o choro das mães, das esposas, das viúvas,
 a voz dos loucos, dos famintos, dos inválidos,
 e o surdo gemido de todos os moribundos.

*Eu olho a vida com tristeza.
Eu ouço o côro de vozes angustiadas
vindas de todos os recantos da Terra.*

*Na Asia,
tambem o ar tem cheiro de polvora
e a terra tem cheiro de sangue.
Os homens não estão em casa,
as mulheres estão chorando,
e as creanças morrem no meio da rua
sob o estampido de bombas mortaes.
A Africa, terra martir,
tem os seus filhos escravizados
á tirania das Potencias.
Eles vão morrer nos campos da Europa
em defêsa dos opressores de sua patria.
America, terra jovem,
tambem aqui eu sinto a escravidão humana.*

*Vejo
os milhões de seres desgraçados,
multidões famintas e doentes,
homens que nascem e morrem sem ter sentido a Vida.*

*Ouçõ
o côro de vozes angustiadas
dos que trabalham e não têm pãc,
dos miseraveis sem teto e sem lar,
dos criminosos carpindo uma culpa que não é sua,
das mulheres levadas á prostituição,
dos que vivem dentro das prisões
porque acreditam num ideal de redenção humana.*

*De todos os recantos do mundo,
eu ouço o côro de vozes angustiadas.*

*Os homens estão cegos
e não vêm a Vida.
Seguem oprimindo, matando, destruindo
o que as proprias mãos crearam.
Até quando lutarão assim os homens?*

A "IMPARCIALIDADE" DAS FILOSOFIAS

Por LUIZ VIEIRA

Se há quem considere a filosofia a mais alta manifestação de espiritualidade humana e o filósofo uma pessoa privilegiada, um semi-deus, pela inteligência e pelo saber, há também quem a considere uma ocupação inútil, própria de lunáticos, que são os filósofos.

Apesar desta divergência, uma coisa une os defensores de qualquer destas opiniões: o julgarem ser a filosofia uma especulação *pura*, inteiramente isenta de qualquer facciosismos ou segundas intenções.

Se bem que assim devesse ser, pois a mistificação é evidentemente indesejável, o certo é que, em geral, o não tem sido nem é: quasi todas as filosofias embora em certa medida procurem ser objetivas, são por outro lado, mistificadoras, isto é: escondem por debaixo das puras ideias a defeza de interesses bem determinados e exprimem uma mentalidade característica dos seus defensores e titulares.

Isto, que a muitos parecerá uma calúnia ou, pelo menos, uma enorme irreverência, é contudo bem real e relativamente fácil de explicar.

Os filósofos, pensadores e *aprendizes de filósofos*, são homens (evidentemente), vivem em sociedade, muitas vezes em condições de dependência em relação a grupos, têm interesses, moral, simpatias, tendências e modos de proceder próprios — grupos de pessoas que, pela necessidade de perante os outros e perante si mesmos justificarem a posição em que se acham, tendem a disfarçar as ambições e o amor que têm á sua situação sob uma ideologia. Neste caso os interesses do filósofo, do pensador ou *aprendiz de filósofo* são solidarios com os interesses desse grupo, mas pode acontecer — e é esse um caso frequente, que ele mesmo faça parte do grupo — e então a comunhão de ideias é mais perfeita ainda.

A ideologia primitiva do grupo inspira o *teórico*, que depois, com as suas construções de ideias a vem tornar mais sistemática, mais forte e mais *filosofica*.

Há ainda a acrescentar que o grupo dominante, em virtude do dominio que

exerce, por meio de instituições, imprensa, etc., consegue em certa medida impor a sua ideologia a outros grupos.

Por tudo isto, quando certas pessoas dizem servidoras da filosofia, do pensamento, podemos acreditar que é a si próprias e ao grupo a que se acham vinculadas que servem, através da filosofia e do pensamento. É isso o que observa quem tem os olhos abertos, quem não tem uma consciência mistificada.

Alguns exemplos ilustrarão o caso. Servir-nos-emos dos exemplos mais directos, porque nem o espaço é muito nem queremos enfiar quem nos lê, mas pode afirmar-se que aquilo que se observa nestes exemplos se observa em quasi todas as filosofias, por mais abstratas, extra-terrena e puras que pareçam.

As filosofias transcendentales, metafísicas, sobretudo quando se impõem como sistema de crença para todos, têm uma *virtude* que tem sido aproveitada em todas as partes e em todos os tempos: desviam a atenção das realidades terrenas, dos reais problemas do homem e da vida para a concentrar em problemas inexistentes, em coisas inacessíveis e absurdas — chamadas *eternas e absolutas*. São assim como um opio e têm uma função semelhante á do circo no antigo império romano. Além disso, geram ou procuram gerar, um certo conformismo perante os desacertos e injustiças do mundo, pela promessa de uma vaga e metafísica *felicidade absoluta* (que se costuma confeccionar ao gosto do frequentador).

Esta função não é desconhecida dos propagadores destas ideias (e é esse um fator da sua amabilidade)

Constitue isto um exemplo frisante do *compromisso* entre o teórico e um grupo (a sua *clientela*, podíamos dizer, porque os filósofos, os pensadores, os artistas e os literatos, tal como os médicos, os advogados, os merceeiros e os farmacêuticos, também possuem uma *clientela*. Simplesmente, aqui as coisas passam-se de modo diverso e mais complicado), e ilustra também o caso de o filósofo, o pensador ou *aprendiz de filósofo*, fazer parte desse grupo, como muitas vezes acontece, e não ter apenas interesses solidarios dos seus.

Se atentarmos agora um pouco no

finalismo, segundo o qual a *Natureza*, através de contrastes e por meio variados, procura e consegue a harmonia das coisas, para maior benefício do homem, não podemos deixar de pensar que esta filosofia teve o seu esplendor durante o período aureo do liberalismo económico, durante o período heroico do otimismo burguês, exatamente quando os economistas teóricos do novo sistema (do *Laissez-faire*, *Laissez-passer*) teciam infinitos elogios á harmonia no campo económico como no campo da *Natureza* exprimiam o otimismo, a confiança no futuro característico desta época de crescimento em que o novo sistema económico e todas as relações correspondentes substituíam o regime feudal e a estrutura social nele baseada, ao mesmo tempo que pretendiam convencer da excelência da ordem económica e social que se estava a consolidar.

O esplendor do racionalismo, a ideologia progressista e a filosofia positivista pertencem ainda a esse período e exprimem também o mesmo otimismo e a mesma confiança no futuro. Do mesmo modo, as filosofias anti-progressistas, contrárias á ciência e a técnica, como o bergsonismo e outras correntes místicas, metafísicas e irracionais exprimem a falta de confiança da classe dominante nos seus destinos, o pessimismo, a crescente necessidade de mistificar, espalhando o desânimo, fazendo crer que os males são inevitáveis, que qualquer progresso humano é inviável e que a culpa é da ciência e da técnica.

Assim terminou uma filosofia que, sem perder o seu caráter específico de filosofia de um certo grupo, exprimia muitas conquistas verdadeiras no campo da ciência, da organização social, da técnica e do pensamento em geral.

Uma atitude muito espalhada nos nossos tempos é o *relativismo*, segundo o qual (isto a traços muito largos) o nosso conhecimento é relativo, parcial, limitado no campo do *ser* como no do *dever ser*. No fundo, isto equivale, a dizer que todos têm razão e que não é justificável a imposição á outrem das nossas convicções. Eis um exemplo frisante de uma filosofia que ilude os problemas fundamentais do homem, para declarar que todas as teses são discutíveis, e relativamente falsas — mesmo as que pretendem justificar a agiotagem e outros abusos menos escandalosos; que todas as atitudes são defensáveis, inclusivamente a do negreiro.

Em política os defensores desta são, em geral, *honradamente* liberais e pretendem ser *honestamente* imparciais (parecendo com isto ignorar a inexistência da *imparcialidade*, em sentido amplo). Julgam-se, assim, *tolerantes* e, defendendo-se com o seu relativismo.

Nestes nossos tempos de extremos, esta filosofia é a defesa teórica dos que pretendem conservar-se no *virtuoso meio termo* liberal. Justifica, portanto qualquer estrutura económica da sociedade, contanto que se ache sob a égide de uma organização política liberal (isto, em primeira aproximação, porque, bem vistas as coisas, o relativismo justifica tudo, como se pode concluir pelo que atrás dissemos).

O relativismo é a filosofia dos últimos liberais da classe dominante, e tem simpatias especiais entre professores universitários. (1)

Em certos países, e o nosso foi um deles, espalharam-se *filosofias* negadoras do progresso, da evolução, afirmando o caráter estático de tudo quanto existe e preconizando o respeito da tradição como princípio basilar de toda a organização da sociedade.

Estas teorias constituem as bases ideológicas de grupos como a *Action Française*. Pelos programas de realizações desses grupos, verá quem souber ver que eles exprimem com o seu tradicionalismo e o seu demagogismo e vago-antiplutocratismo, o desejo por parte dos restos da antiga aristocracia de voltar aos *bons tempos antigos*, em que ela era uma classe privilegiada.

Todos os seus princípios doutrinários, todos os seus programas de ação tendem a isso. O que até pelos rotulos se vê: *tradicionalismo*, *monarquismo*, *anti-progresso*, *anti-plutocratismo* (este último princípio tão vagamente formulado que até parece esperar acontecimentos para se precisar melhor, se tornar ainda mais vago ou sumir-se completamente).

E tudo isso se baseia numa filosofia anti-determinista, anti-evolucionista e contrária áquilo a que esses filósofos chamam a *superstição do progresso*.

Muitos dos teóricos destes movimentos antes de serem filósofos eram aristocratas, o que é significativo.

Mas passemos a coisas mais actuais e palpitantes. Vejamos, por exemplo, alguns pontos oficiais da filosofia do 3.º Reich (pois o 3.º Reich tem uma filosofia oficial e um filósofo também oficial — Alfred Rosemberg). Limitar-nos-emos a

ver esses pontos muito por alto, muito em geral.

A filosofia oficial do 3.º Reich é acima de tudo uma mística-exaltação de forças misteriosas, exaltação da raça ariana pura, o que tem a sua contrapartida no racismo anti-semita.

Não se compreenderá tudo isto muito bem num país rapidamente industrializado que depois da guerra de 1914-1918 atravessou uma pavorosa crise económica, num país que em 1926 contava cerca de seis milhões de desempregados ao mesmo tempo que as classes médias se proletarianizavam, por força da concentração industrial? De certo isto se compreende (e compreender não é justificar). Compreende-se que esta exaltação da raça seja uma maneira de criar um ambiente favorável às aventuras imperialistas — sobretudo entre a juventude — e é certo que o imperialismo era a única saída para a crise económica da Alemanha (dentro do sistema de distribuição que lá vigorava e ainda vigora, entende-se). O consumo diminuía no interior — era preciso ir buscar mercados e matérias primas no exterior. Isto tudo agravado pela concorrência com o estrangeiro gerou a mística de exaltação nacional, a que, evidentemente, não são estranhas as teorias da autarquia económica. Por outro lado, o racismo anti-semita era um esplêndido pretexto para ir eliminando excedentes da população (como se sabe, os judeus, desde sempre, têm sido perseguidos e expulsos por ocasião de crises económicas), fácil de manejar e cair bem no meio.

Para terminar, lancemos uma rápida vista de olhos pela filosofia (chamemos-lhe assim...) conselheiral do cavaleiro solene e austero. E chamamos-lhe filosofia porque nos aparece como uma concepção da vida e do homem, se bem que de uma forma simplista e primitiva (e nessas bases se podem construir filosofias subtis e complicadas).

Consiste em negar a viabilidade a umas tantas aspirações do homem (não de todos os homens, bem entendido), tachando-as de utopias, e alegando os que sustentam a determinada coisa impossível de realizar porque a experiência da vida mostra que o homem não é tão bom como pretendem fazer crer certos idealistas, que ele não se adapta a determinadas formas da vida em sociedade, que há que reprimil-o porque, sem isso, ele próprio destruirá o seu bem estar etc. Mas acham, ao mesmo tempo, mu-

to belas, muito elevadas certas ideias, se bem que impraticáveis (do que dizem ter muita pena...)

Este meio cepticismo é uma maneira quase amável de falsear as questões, para manter as coisas no estado em que elas estão.

Os exemplos apresentados, embora em pequeno numero e pouco desenvolvidamente, chegam já para nos conduzir à ideia de que as filosofias, em geral, têm mistificado e mistificam ainda hoje. Os interesses em conflito obstam a que assim não seja. Os filósofos pensadores e aprendizes de filósofos ou estão enfeudados ou interessados também e nesse caso são conscientemente mistificadores ou são eles mesmos mistificados (e entre estes casos há, evidentemente, gradações). A mistificação é um limite posto à consciência pela educação, pela situação social, pelos interesses, sob todas as suas formas a manutenção de injustificados desequilíbrios de situações, a supremacia de um grupo sobre outros, criam uma certa necessidade de mistificar.

Só quando o filósofo tiver como unico interesse o bem do homem, quando não tiver qualquer preconceito, poderá deixar de mistificar.

Isso é contudo, muito raro, embora já tenha acontecido. E a mistificação desaparecerá quando o interesse de um grupo, uma vez ultrapassadas certas contradições se identifique com o interesse social e se realize.

(1) Não confundir o «relativismo» com a teoria da relatividade de Einstein.

A GUERRA E AS INDUSTRIAS NO BRASIL

Em artigo assinado por O. Q. Arner, Secretario da American-Brazilian Association, inserido no «Journal Of Commerce», de 1.º de Agosto, são estudadas as consequências que provavelmente advirão da guerra europeia para a economia brasileira. Assim como a ultima guerra foi a causadora das mudanças observadas na estrutura económica do Brasil, especialmente no que toca ao desenvolvimento da industria de tecidos, da mesma forma a guerra actual inevitavelmente ocasionará uma industrialização ainda mais intensa, si durar por muito tempo. Já está o Brasil exportando tecidos, lampadas electricas, telhas e outros produtos manufacturados em certo volume, diz o Sr. Arner, e um aumento em quantidade e variedade servirá para fortalecer sua posição económica.

Interpretação do conflito Democracia × Fascismo

IVES PEÇANHA

As divergências doutrinárias que separam o fascismo da democracia traduzem indistintamente aspectos teóricos de uma luta de indissimulável conteúdo econômico.

O sentido e a extensão desta pugna histórica só agora começa a ser compreendido claramente, após a sua projeção no plano internacional.

O objetivo central das potências totalitárias é a sua grandêza e prosperidade. Para logra-lo, não hesitam em se apropriar do território alheio, pela força das armas ou pela coação. O arrojo imperialista das nações fascistas, concretizando em fatos positivos (Abissínia, Sudetolândia, Austria, Mandchukuo, China, Hespanha) responde ao interesse material de enriquecimento.

O sistema de produção da riqueza, inaugurado com a Revolução Industrial, propiciou o desenvolvimento econômico de certos povos, acentuando o contraste entre países ricos e países pobres. Dentre estes, alguns existem que, por sua situação geográfica, densidade de população e civilização espiritual, não podem suportar semelhante contraste. As suas forças vivas exigem uma base material sobre a qual possam desenvolver-se e progredir, no mesmo ritmo que as nações ricas.

Duas causas determinaram as dificuldades materiais de que procede a inferioridade econômica das potências fascistas:

- a) a ausência ou escassez das matérias-primas mais importantes para a indústria moderna, e de artigos alimentícios;
- b) o atraso na competição imperialista, que lhes impediu de obter melhor quinhão na partilha do mundo.

A indústria moderna caracteriza-se pela maquinofatura. Para desenvolver-se, é necessário produzir máquinas e fazê-las funcionar. O que por sua vez exige a posse de certas matérias-primas indispensáveis, tais como o ferro, o carvão, o petróleo e o cobre.

Rico, ou, ao menos, com possibili-

dades de enriquecer, é o país que as possui. Como é difícil encontrá-las reunidas em um só território, pode-se afirmar que a posse de algumas dessas matérias-primas ou a abundância de uma delas é suficiente para possibilitar o progresso econômico de um povo. Mas, a indústria moderna só se pode desenvolver sem artificialismo nos países que dispõem de tão necessário material.

Ora, considerando a distribuição geográfica das matérias-primas, assim se podem dividir as grandes potências:

Ricas: Estados Unidos da América do Norte, Império Britânico, U. R. S. S. e França.

Pobres: Alemanha, Itália e Japão.

Três das mais ricas nações do mundo são democracias. As potências pobres são totalitárias.

Norte-América é o mais opulento Estado do Globo. Produtor nº 1 de petróleo e carvão, dispõe abundantemente das melhores fontes de energia. Na produção do ferro e do cobre, ocupa o segundo lugar. Aí está o segredo da sua espantosa prosperidade, a maior civilização material de todos os tempos.

A Grã-Bretanha, com seu vasto império colonial onde o sol se não deita, é detentora de todas as matérias-primas indispensáveis à industrialização em grande estilo, do petróleo à juta. Possuindo em seu minúsculo território europeu jazidas inestimáveis de ferro e carvão, com estes construiu o arcabouço do sólido edifício industrial sobre que descansa o seu prestígio político, hoje declinante.

A França, menos opulenta, dispõe, todavia, com as colônias, de um invejável patrimônio de matérias-primas que, se não a conduziu a uma industrialização intensiva, contudo a situou no primeiro plano entre os países industrialmente ricos.

A esta opulência democrática corresponde a pobreza fascista. Das três potências totalitárias, a Alemanha é a menos pobre. Possui ferro e carvão, mas lhe falta absolutamente o petróleo. É de

todas a mais industrializada, suprimindo pelo esforço construtivo as deficiências do solo. Si não sofrera o rude golpe que seus adversários lhe impuzeram, no Tratado de Versalhes, é possível que estivesse hoje incluída no rol dos países abastados.

A Italia é pauperrima. Não possui carvão, nem petróleo. E a pequena quantidade de ferro que ha em seu solo é insuficiente.

Igualmente desprotegido da fortuna mineral é o Japão, a despeito de suas conquistas. Falta-lhe ferro e petróleo. A sua riqueza em cobre não lhe remedeia a ausencia das outras materias primas fundamentais.

As potencias totalitarias não possuem, portanto, uma gota de petróleo, que é hoje a mais importante das fontes de energia. A que tem ferro, não tem carvão. A que tem carvão não tem ferro. A que têm ferro e carvão, não os possuem em quantidade suficiente para a construção de uma potente base industrial.

Mas, não é só pela ausencia ou escassez de materias-primas indispensaveis á produção mecanica que se pode aferir a pobreza das potencias fascistas. Também a comprova a deficiência de artigos alimenticios. Tanto a Alemanha como a Italia e o Japão são deficitarios na produção dos generos de primeira necessidade. Nenhum desses países conta com elementos bastantes para prover a sua subsistencia. Assim, até para se alimentar, o japonês, o italiano e o alemão dependem irremediavelmente do estrangeiro.

A agravar esta situação deploravel, a super-população. No territorio acanhado dos países fascistas comprime-se uma multidão de quasi duzentos milhões de habitantes. São regiões pobres e populosas, numa desproporção que origina o desespero e a miseria.

Mas, a pobreza do solo e a pequena extensão territorial podem ser supridas pela conquista ou anexação de territorios mais extensos e mais ricos. A politica colonizadora aplicada intensamente no seculo XIX não teve outro objetivo. A pequenina Inglaterra cresceu desta forma. Com a França, tornou-se campeã dessa apropriação indebita, que, não raro, assumiu as proporções de latrocínio. E, por isso mesmo que iniciaram tal politica, tiveram o cuidado de reservar os melhores quinhões na partilha do mundo. Outros Estados seguiram-lhe as pegadas, e

em pouco os continentes estavam divididos entre meia duzia de nações. Ali onde não foi possível a escravisação completa, representada pela anexação, estabeleceram-se esferas de influencia, criando-se, ao lado dos países coloniais, esse monumento de hipocrisia que se chama a semi-colônia, constituído por aquelas nações politicamente sobera nas mas economicamente vassalas.

Pois bem. Quando, em virtude do surto industrial, realizava-se a partilha do mundo, a Italia e a Alemanha ainda se não haviam constituído como nação. Divididas em pequenos países, faltava-lhes a organização e a unidade que tais empreendimentos exigem. Por outro lado, não haviam acompanhado o ritmo de industrialisação dos seus vizinhos. A mora na unificação politica e na construção industrial desfavoreceu-as, porque chegaram tarde no banquete imperialista. Mesmo assim, tiveram ainda tempo de se aproveitar da divisão. A Alemanha, principalmente. Não obstante, jamais formaram um grande imperio colonial.

A Alemanha conquistou possessões importantes do ponto de vista economico, mas que jamais se poderam comparar ás colonias francêzas e britanicas. Como se sabe, perdeu-as durante a guerra. O imperio colonial da Italia tem apenas expressão geografica. E o Japão, antes das conquistas de nossos dias, não se tinha expandido em regiões de alto rendimento economico.

A Alemanha, a despeito da pobreza de seu solo, não está, comtudo, no mesmo plano que as suas aliadas de hoje. A sua inferioridade é consequencia do desastre de 14/18. Apêzar de desprovida de grande parte dos elementos indispensaveis a uma grande industrialisação, desenvolveu-se prodigiosamente, a ponto de se tornar a mais industrializada das nações europeas. Tamanhos foram os progressos que realizaram nesse sentido que começaram a ameaçar o prestigio industrial e comercial da Inglaterra, em uma concorrência que cada vez se lhe tornava mais vantajosa. Esta brusca ascensão da Alemanha no cenario internacional lhe estava assegurando uma proeminente posição economica e politica no mundo, quando a inelutavel colisão de interesses imperialistas provocou a Grande-Guerra. Derrotada pelos aliados, partilharam estes as colonias, mutilaram-lhe o territorio, apropriaram-se de muitas

Tambem devemos falar frente a frente

1 Penso nos que nasceram durante a primeira guerra imperialista. Já deixaram para trás os doces tempos de infancia. (Se é que neste velho mundo já existiram doces tempos...). Todos já atingiram a maioridade. Ai estão os jovens de 21 até 26 anos. E' mais uma geração. A geração da guerra, mas que em grande parte luta com justeza contra a guerra.

E continuo a pensar incessantemente em seu destino. E' que eu tambem naci durante aquela grande contradição de um sistema de contradições. Eu sou um dos jovens dessa nova geração.

2 E por muitas vezes, eu pergunto a mim mesmo o motivo dessa dolorosa incompreensão entre nós e os nossos pais. O que poderia ter cavado esse abismo que nos separa dos nossos? Esse abismo que é imenso? Esse abismo que é sempre cada vez maior?

3 Não se diga que ele não existe. Ele é incontes-

tavel. Aliás, não somos nós os primeiros a se darem conta disto. O interessante é que são os nossos proprios pais a observarem. E só muito depois nós nos apercebemos disto. Mas as censuras começam cedo. Reclamam porque não mais os compreendemos. Dizem querermos nos conduzir sozinhos e por nossa propria conta. Lastimam-se por não lhes aceitar mais os conselhos. A todo instante nos repreendem. E, ás vezes, entre soluços gritam exasperados: ingratos! E o eco desse grito resôa em nós. Mas, parece a voz de sinos velhos. Esses sinos velhos que clamam pelos fieis e os fieis não aparecem. E' tudo inutilmente.

Mas, somos realmente ingratos? Porque, enfim, ingratos?

4 Deram-nos, ás vezes, uma boa educação. Mandaram-nos ás escolas e aprendemos um pouco de historia e geografia.

Da primeira: um emaranhado de datas sempre sem significação e uma lista interminavel e inexpressiva de reis e presidentes, de «heróis» e «grandes patrio-

tas». E da segunda: uma sucessão continua de cabos e promontorios, mares e baías, lagos e rios. Aprende-se ainda um pouco de calculo e reações quimicas. E nos obrigam mesmo até ao latim inutil. Gritam todos os dias contra as nossas notas. Fazem sempre barulho se se perdeu o ano. E alegam logo todos os sacrificios. Precisamos ser o orgulho da familia. E, finalmente, bachareis. Foram tantos os repetidores...

5 Mas, olhemos de frente a realidade da vida. Logo nos chocamos com decepções cruéis.

Por que não nos previniram de que a vida ainda é madrasta? As demonstrações de ternura não faltaram. Em cada aniversario um bonito presente. Pelo Natal tambem presentes. E sempre bonitas roupas. Os nossos pais ficam com as suas consciencias tranquilas e em perfeita paz. Pensam mesmo que fizeram tudo.

Terão pensado, porém, em nos fazer falar? Sondaram as nossas almas infantis? Preocuparam-se com o nosso inconcienente poderia mesmo nos surpreender? Com as nossas tristezas de crianças? Com a nossa curiosidade? Evitaram as palavras das quais depois se arrependeriam? Esforçaram-se em dar bom exemplo?

6 Desejavamos de todo o coração viver um ambiente de bem-estar e ter sempre diante dos olhos a imagem da felicidade. Mas, logo cedo vimos os dois seres que mais extremecemos, trocaram palavras asperas. Quizeramos vê-los felizes, e, no entanto, nada nos atingia tanto como a sua separação. Porém, tudo indissolúvel. E mesmo neste ambiente onde se está, o divorcio, que é uma porta de salvação, se transforma quasi sempre num crime. Apesar de tudo, a nossa vida continúa. E vemos tambem o desespero de outros seres. E a nossa alma e o nosso coração ficam sentindo forte as dores do mundo.

7

NICOLAU PARAGUASSÚ

8

E censuram-nos sempre: a mocidade de hoje não sabe mais se divertir. Sois como que envelhecidos. No nosso tempo as meninas eram doces e os rapazes polidos. Havia mais tato em levar a vida.

Muito bem.

Mas, essa geração vive todas as paixões dos que lhe deram a vida. E mesmo na adolescência. E agora sentimos ainda mais amargurados os nossos dias, porque entramos em outra noite dolorosa como aquela de que saímos. Mas, ha uma certa diferença da nossa geração para a geração que viu o início daquela outra noite. E' que nessa ha um desejo mais objetivo. Esse desejo mais e mais se enraiza. Os que vêm precisam gozar uma mocidade feliz. Essa mocidade que desejamos e não encontramos.

9

Somos ingratos? Fazei um pouco de reflexão. Ou sois vós os ingratos? Que fizeram para nos transmitir dias melhores? O que destes para evitar esta nova catastrophe na qual fomos agora atirados? Não vos podemos aceitar mais os conselhos. Carregamos nos ombros de vinte anos todas as consequencias da vossa vida, toda a imprevidencia da vossa loucura. Os nossos conselhos só podem partir de nós mesmos. A nossa conduta só pode ser traçada por cada um de nós e por todos ao mesmo tempo. E a nossa vida está ligada a esses conselhos e a essa conduta. Sabemos que não somos assim o orgulho da familia. Por isso, nos acham sempre como uma decepção. Mas, pouco importa. Se não somos o orgulho da familia, procuramos ser o orgulho do mundo.

10

Mas, essa tarefa não é das mais faceis. E' mesmo difficil e ás vezes penosa. Se queremos levar adiante o trabalho de esclarecimento da consciencia popular acerca da realidane nacional e internacional, dentro de um ponto de vista cada vez mais justo e consequente, temos de conduzir paralelamente um trabalho de auto-esclarecimento. Jules Romain escreveu: «um homem tem muita força quando diz a verdade». Ha, portanto, tambem uma necessidade mesmo profunda, de falarmos em auto-critica. E' que o verdadeiro combate começa quando se tem de combater uma parte de si mesmo. Até então tudo é muito facil. Mas, é preciso ver que não nos tornaremos verdadeiros homens, sinão por tais combates.

11

Antes de mais nada o jovem deve examinar as suas proprias forças. Reconhecer-se a si mesmo. Isto para poder identificar-se cada vez mais com as suas ideas, transformando assim a propria vida em verdadeira escola de aperfeiçoamento dessas mesmas ideas. O que quer dizer: unir a idea á ação. Não basta a argumentação de Descartes: «penso, logo existo. Tambem não basta a ação isolada, pura e simplesmente, E' preciso unilas de modo indissolúvel. Que não haja supremacia nem de uma, nem de outra. Que exista, sim, uma verdadeira fusão, transformando-as num todo homogêneo. Isto significa, antes de mais nada, agir sempre, em qualquer situação, perante qualquer fato, ou qualquer conjuntura, de acordo com as bases ideologicas que impulsiona a nossa geração para frente e sempre para frente.

12

Não é fora de ocasião que assim devemos falar. Nota-se hoje em grande numero de jovens da nossa geração um conteúdo absolutamente em desacordo com os principios de suas proprias convicções. Não é derrotismo examinarmos esses casos. E' que não se pode, nem se devem julgar as pessoas pelo que elas são, mas pelo que elas fazem. E' claro que resalvamos aqueles jovens realmente convictos de que a idea que resulta da ação tambem influe sobre ela e que só a coerencia da ação com a idea pode valorisar a sua propria ação.

13

Mas, existem jovens sem nenhum desejo de aperfeiçoamento, de melhoria de sua condição cultural, de sua capacidade. Aliás, neste sentido pode-se fazer uma exceção: a não ser no sentido de brilho pessoal e intransferível...

Será isto apenas uma crise de idade mental? ou, mais profundamente, uma vontade de fazer carreira? Não queremos ir tão adiante. Provavelmente será uma deficiencia resultante da crise de idade. Essa idade ainda de certas hesitações. Essa idade com certas duvidas sem respostas definidas. Mas, se isto acontece agora ao se passar pela juventude, quando não existem interesses ainda creados, quando não existem compromissos forçados, nem encargos de familia, quando se está de certa maneira e relativamente autonomo em relação á vida, que se po-

(Continúa na pag. 95)

O monopólio na indústria farmacêutica

Transcrevemos em seguida trechos de um artigo do Prof. Dr. Quintino Minogojá, publicado na «Arquivos de Biologia», mez de Agosto, no qual o ilustre homem de ciência focaliza interessante questão. Trata-se do prejuizo que nos traz o monopólio concedido á firmas estrangeiras, no que se refere ao desenvolvimento da nossa industria farmaceutica:

«EMPECILHOS A' QUIMIOTERAPIA ANTIBACTERIANA ENTRE NÓS»

«Do conjunto de pesquisas quimicas acima relatadas deduz-se que as relações existentes entre estrutura quimica e atividade antibacteriana não são, felizmente, nem muito rígidas nem extremamente constantes. Assim sendo, o campo permanece ainda e sempre aberto ás experimentações. Não é pois justo nem logico estorvar o caminho aos pesquisadores, assim como no Brasil foi feito e tenta continuar a fazer até agora, uma firma franceza. E, *more solito*, documento minhas afirmações.

Os nossos amigos medicos e farmaceuticos sabem muito bem que, na America do Sul, a primeira sintese industrial da sulfanilamida foi realizada pelo nosso Laboratorio (1) ha cerca de 4 anos—o produto posto no commercio com o nome de STREPTOCLASE. A comunicação científica que apresentei sobre essa sintese ao 3.º Congresso Sul-Americano de Quimica foi distinguida por um voto unanime de louvor.

Sucessivamente realizei a preparação de varios outros tiocompostos, farmacologicamente ativos e quimicamente conhecidos (nitrosulfonas, aminosulfonas, sulfuretos, etc.); depois do advento dos derivados N1-substituidos, reproduzi a sintese da sulfapiridina, sobre a qual, naquela epoca, existia na bibliografia somente o citado trabalho de Goldyrev e Postovskiy. Tambem o meu trabalho sobre a preparação no Brasil da sulfapiridina foi premiado por voto de louvor, no 3.º Congresso Brasileiro de Farmacia; e para esse novo medicamento o nosso Laboratorio pediu o registro do nome COCCOCLASE.

Mas uma casa franceza, em ligação com a firma ingleza May e Baker, conseguiu patentear no Brasil todos o me-

todos praticamente utilizáveis para a preparação industrial da sulfapiridina; repito, todos os metodos.

Parece-me, *apertis verbis*, que privilegios de tamanha extensão não deveriam ser permitidos no Brasil, assim como não são tolerados em outros paizes. Na Italia, por exemplo, a sulfapiridina é preparada por diversos laboratorios, cada um dos quais utiliza um metodo diferente do empregado nas fabricas concorrentes. Este mesmo justo criterio foi seguido ha pouco tempo pelo nosso Laboratorio, a proposito de um novo metodo de sintese da benzedrina, por mim recentemente descrito; o requerimento do privilegio de invenção foi limitado unicamente ao metodo por nós elaborado, e portanto qualquer outro laboratorio brasileiro, querendo, pode preparar benzedrina mediante sinteses diferentes da nossa.

Ao arrepio deste procedimento, a citada firma franceza monopolizou todos os metodos de preparação da sulfapiridina e proibiu a todos os laboratorios (ao nosso... *surtout*) de preparar e pôr no commercio do Brasil esse medicamento. A este proposito convem lembrar que os metodos incluídos na patente da firma franceza, na sua maioria não gozam nem ao menos do privilegio de absoluta originalidade, pois são analogos ao metodo utilizado primeiramente por Gelmo, em 1908, para a preparação da sulfanilamida. Ainda, ha mais.

Deixada de lado a preparação da sulfapiridina, seja para evitar desagradáveis lutas judiciais, seja pelos accidentes sempre mais numerosos provocados por esse medicamento e registrados nas diferentes revistas medicas, visei a sintese de outras N1-derivadas da sulfanilamida com nucleos heterociclicos. Baseado nos trabalhos de Fosbinder e Walter sobre o sulfatiazol e seu metilderivado, publicados em Agosto de 1939 no *Journal of the american chemical society*, preparei em São Paulo não somente aqueles dois novos termos, mais ainda derivados não descritos em literatura e para os quais, seguindo a via comum, foi pedido o privilegio de invenção em data de 10 de Novembro de 1939.

(Continúa na pag. 92)

PARA QUEM É A CIENCIA?

T. SWANN HARDING

«Os exploradores da riqueza do mundo não são os seus creadores», Assim disse ha dez anos Frederico Soddy, notavel homem de ciencia, e creador, portanto, dessa riqueza. Segundo êle «até agora as perolas da ciencia foram lançadas aos porcos, que nos deram em troca milhonarios e exploradores, armamentos e a desolação da guerra.

Apenas temos progredido no uso racional dos conhecimentos científicos desde que Soddy escreveu isto. Poucos perceberam a tragedia oculta da vida de Madame Curie. Seu campo era o radio e a radioatividade. Entretanto, enquanto ela vivia na pobresa, sem poder adquirir radio para suas experiencias, curandeiros, charlatães e exploradores comerciais o tinham em abundancia. Enquanto ela teve que esperar largos anos para vêr levantarem-se institutos em que se pudessem praticar investigações medicas sobre o radio e seus saes, outros, com aspirações menos nobres tudo possuiam.

Aqui temos de uma parte o quadro do descobrimento da radioatividade, que foi devida a uma transmutação natural dos elementos, laboriosa, preparada passo a passo, seguindo os élos de uma complicada serie de trocas, o trabalho interminavel de preparar o material puro, a relação de tudo isto com a Antiga Taboa Periodica de elementos, e a primeira compreensão definida do que constitue a diferença entre um elemento quimico e outro.

Tudo isto foi pura investigação da mais alta qualidade. Abria a perspectiva de que o homem poderia controlar, de logo, essas desordens superiores de energia natural oculta no atomo. Porém, com que finalidade?

Na imprensa se diz que o radio cura o cancer; imediatamente aparece toda classe de falsas investigações, empresas descabeladas e fraudulentas, projetos comerciais. Cada curandeiro e charlatão inventa um unguento de radio, agua de radio, pilulas de radio, renovando assim a sua propaganda comercial. A gente caritativa e benevola levanta fundos para comprar radio que ha de servir para experiencias disparatadas. Porem, o genuino investigador científico nada consegue.

Não obstante, todos os países do mundo gastam somas incriveis como preparação para a guerra. O radio como todos os outros dons da ciencia é incorporado ao seu serviço. Serve para iluminar durante a noite as esferas e os relógios dos instrumentos científicos, ainda que paguem com as suas vidas, os que manipulam estes produtos. Poder-se-ia evitar toda esta loucura?

Madame Curie guiada talvez por um falso sentido da moral, negou-se a patentear seu descobrimento. Deu-o livremente ao mundo, e isto foi um erro, porque significou dá-lo a charlatães para que o explorasse. A iniqua e vergonhosa exploração deste descobrimento encontra sua origem na indiferença da descobridora a respeito dos possíveis usos do conhecimento que deu ao mundo.

Com muita frequencia discute-se a conveniencia de patentear os descobrimentos científicos para proteger dessa forma ao publico e ao descobridor. Essas patentes são injustas em certo sentido. Porque todos os descobrimentos científicos, a insulina ou a vitamina D, por exemplo, efetuam-se em forma gradual. O resultado final se deve a trabalhos de investigação realizados por varias pessoas, em países diferentes. A patente é injusta no sentido de que dá toda gloria ao que logrou o triunfo final, sem ter em conta o trabalho talvez mais importante dos que efetuaram as investigações.

Houve protestos quando os investigadores americanos da Universidade de Wisconsin patentearam seu metodo de irradiar ergosterol com raios ultra violeta dando-lhes as propriedades da vitamina D. Disse-se em tom de queixa que se havia prescindido dos inglêses e de outros investigadores. A Corporação Britanica de Ciencias insistiu em que não deveriam existir patentes, mas sim, os descobrimentos deveriam ser dados ao publico e administrados por uma corporação medica ou científica pertencente ao Estado. A primeira permissão gratuita para se elaborar os produtos se daria então a um fabricante nomeado pelo inventor e em seu proprio país. Depois se concederiam outros á base de quotas que se considerassem justas e

necessárias, tendo sempre em conta o bem do publico. Um completo e livre intercambio de conhecimentos entre todos os que se dedicam a trabalhos de investigação deveria fomentar-se a todo custo por todos os meios.

Qualquer que seja o método adotado, algum esforço deve-se fazer para deter a exploração escandalosa dos descobrimentos científicos. A investigação ocupa uma posição anomala em uma sociedade capitalista de caráter aquisitivo que tende cada vez mais a monopolizá-los todos. Quando se descobre um alimento novo, melhor e mais barato, deveria existir, logicamente, um processo facil por meio do qual pudessem adquiri-lo rapidamente os milhões de consumidores que o necessitam. E esse procedimento não existe.

Em lugar disso, negociantes e comerciantes iniciam em seguida uma organização complexa que abarca produção, preparação e distribuição. Por ultimo, as formas legais e os principios comerciais utilizados põem o negocio em mãos de pessoas que usarão o produto novo para extrair o dinheiro do bolso do publico. Na nova serie de livros escolares se publicará um atraente anuncio do produto. Nos periodicos, em logares estrategicos e a titulo de informação, se detalharão as suas vantagens. Intensificar-se-á artificialmente a troca do produto, e limitar-se-á a produção para que os preços subam.

A idéa de lucro se acha tão arraigada e imprescindivelmente infundida na estrutura legal e economica de nossa sociedade que os creadores do produto se empobrecem, os que positivamente o necessitam adquirem-no por um alto preço, e o resultado final é uma vergonhosa prostituição dos conhecimentos científicos. A falsa ciencia tem avançado tanto nos anuncios que os fabricantes escrupulosamente decentes vacilam em servir-se da ciencia verdadeira em assuntos de publicidade.

Novos descobrimentos cuja ação pratica poderia satisfazer em seguida as necessidades do publico em forma de materiais e produtos de qualidade superior, têm que esperar certas condições

satisfatorias do mercado, antes que possam ser utilizados. Um periodico técnico anunciou em principios de 1935 que uma grande casa de produtos quimicos tinha mais de 130 produtos novos de laboratorio em distintos graus de aperfeiçoamento, porem que nenhum deles poderia colocar-se no mercado por causa das desfavoraveis causas existentes.

Alguns destes produtos eram completamente novos; outros eram novos no país e outros eram antigos produtos quimicos tratados por métodos mais novos e melhores. Comercialmente, nenhum destes estava disponivel. Todos estavam em mãos do diretor comercial de investigações. Pois «apesar da crescente e exigente troca de toda especie de agentes quimicos continúa sendo certo que é mais facil encontrar um novo produto que um novo mercado».

E sem duvida, é sempre facil explorar um descobrimento. Um estudo de Bernhard J. Stern intitulado «Resistencia para adotar inovações tecnológicas» publicado pelo Comité Nacional de Riquezas, em junho de 1937, demonstra que as grandes corporações preferem suprimir as investigações do genio creador em vez de alenta-los para o bem geral. E assim sucede que os descobrimentos basicamente importantes na investigação pura não se fizeram em regra geral nos laboratorios pertencentes ás grandes corporações.

Tudo isto é natural. As corporações privadas não se crearam de acordo com as necessidades publicas. A organização de seus serviços se ajustava ás necessidades de seus proprietarios e inversio-nistas. Não se fundaram como instituições de serviço publico, senão órgãos produtores de lucros para os seus donos.

Devemos velar porque sejam protegidos os descobrimentos científicos e suficientemente recompensados seus autores para alenta-los a continuar nesse caminho. Si os homens de ciencia por sua propria iniciativa não tratam de evitar a exploração da riqueza de conhecimentos por eles produzida, o Estado, empregando servidores cientificamente capacitados deve fazê-lo.

EM JANEIRO

“HOSPITAL DE CRIANÇAS” (Romance)

Por Americo Albuquerque

UM TRECHO DE PABLO NERUDA

Transcrevemos a seguir interessante trecho de um discurso pronunciado, ao inaugurar-se uma exposição de arte popular no Museu de Belas Artes de Santiago, capital do Chile, pelo poeta chileno Pablo Neruda, aclamado por muitos como um dos maiores poetas contemporâneos de toda a America Latina:

«Para nós, povo quer dizer campos do Chile, corações morenos, divinas substancias terrestres, farinha ou greda; para nós, escritores, que por orgulho estamos com o homem humilde em sua desesperação e em sua esperança, povo tem mais significação que toda a estética cultivada ou reação quimicamente pura do espirito. Povo, vós sois, em vossa essência áspera e taciturna de trabalhadores cheios de melancólica alegria, a matriz silenciosa de minha pátria mais que seu território vulcânico e marítimo, mais que seus palacios, mais que suas formas legais externas. Sofredores, calados, cominados, homens obscuros das cidades, dos campos e do mar da minha pátria maravilhosa, a vossa arte floresce como pequenos vagalumes na noite do infortúnio, da miséria e da morte, e machucando duros metais, trabalhando e furando correames e couros até fazer do material informes selas e estribos que antes parecem flores extraordinárias; escavando a madeira no fundo terrível de nossos desamparados presidios, até fazer dela toscos e comovedores objetos que mostram, antes de tudo, pureza e paz do coração; amassando a areia e a terra até transformá-la nessa milagrosa greda que não tem igual em nenhuma outra arte popular do mundo; artífices, artistas do meu desventurado povo, vós dai-nos a nós, escritores e artistas cultos, uma lição sobrehumana de resistência á desgraça e de criadora beleza convertida em esperança.

Sabei, povo extraordinário, que todos os vossos gestos e todas as vossas artes, cruzando a intransponível distancia que o destino ergueu cruel entre as classes, nos humilham, porque em toda nossa criação, em nossa hesitante busca, em nossa confusão emotiva e estetica, em nossa atormentada condição de feiticeiros de um mundo esgotado, não encontramos nunca a realização, flagrante, espontanea, essencial, que vós achais como a abelha a forma celular e a criança a luz das estrelas.

Do povo de todos os países dimana essa luz difusa, que transformada em arte delicadissima e violenta, se converte em base racial e popular sobre que a arte e a vida nacional se ergueu à luz do mundo. Do romancieiro espanhol, do protesto versificado, com a espontaneidade das rosas, contra a invasão árabe, e fundada no latejar do sangue, sai, como uma torrente de pedra, a poesia espanhola e o heroísmo popular, como correntes inseparaveis brotando da mesma durissima nascente. E é assim que o nosso maior poeta chileno, Carlos Pezoa Véliz, se parece muito, na forma e conteúdo dos seus cantos, á voz, á guitarra, e ao câo desses mendigos cegos que nos pagam a esmola com uma canção.

Aprendamos, na exposição que hoje se inaugura, a admirar a aspereza e a doçura dos que não têm nome, e a esse silêncio da nossa raça demos, de todo o coração, rosas, palavras e esperanças porque o povo não tem nada e tudo merece».

A CONTRADIÇÃO DE CARREL

NELSON DE SOUZA SAMPAIO

O livro de Alexis Carrel, "O Homem, esse desconhecido", ocupou a atenção de todo o publico leitor das varias nações. A critica consagrou-o como uma das obras maiores da literatura de divulgação científica, aparecidas nestes ultimos anos. Foi justa e explicavel essa consagração. Porisso mesmo o livro é bastante sugestivo para que a sua repercussão se desvaneca com a onda dos comentarios bibliograficos do momento da sua aparição nos mostruarios dos livreiros.

Não só o porte universal de sabio, do autor, como o proprio cunho do livro motivaram a simpatia com que este foi acolhido. Pertence ele ao numero de obras sinteticas, de carater enciclopedista, — que se denunciam como uma necessidade intelectual das fases historicas anciosas de um inventario cultural, ou um "balanço" das conquistas espirituaes do homem, que o possibilite de encontrar novos horizontes entre as nuvens da sua inquietação. Poucas vezes na historia, se tornou tão consciante a pergunta dos homens "Para onde vamos?", e, também poucas vezes, foi tão dificil dar-lhe uma resposta confiante e serena. Os corifeus da epoca da "Ilustração" puderam manter a crença otimista de que a direção do avanço humano seria uma reta indefinida. A nossa epoca, porem, perdida essa crença, conjetura como possiveis todas as perspectivas. Daí que seja mais irresistivel em nossos dias, essa necessidade dos oraculos da sintese.

Começa a ser constantemente desobedecido o conselho de Comte, determinando a abstenção metafisica. A ciencia positiva quer abrir janelas na sua clausura, acenando, saudosa, para a metafisica. O labor puramente científico tende a si associar com a especulação filosofica, em todas as esferas, desde a fisica á biologia, da psicologia á sociologia. Como exemplos mais salientes poderiam ser citados, em cada um desses sectores: as concepções de Einstein na fisica-matematica, as de Freud, Adler ou da "Gestalt" na psicologia, as de Marx na sociologia, — todas elas espraiam-se em verdadeiros sistemas filosoficos com pretensões e representações sinteticas do mundo, em "Weltanschung". Cansou-se da analise exclusiva, e busca-se um

corretivo para os vicios da especialização excessiva. Paralela a esse desejo de unificação dos pontos de vista das ciencias particulares, está a ansia de divulgação dos seus resultados, na tendencia que se costuma chamar de "democratização da cultura".

O livro de Carrel atende a esses dois objetivos, tendo merecido da pena de Jean Rostand, essa apreciação: "Ouvrage étomant qui ne ressemble á aucun autre, qui tient tout ensemble du trait, de l'essai, du pamphlet et du poeme, sorte de "Discours de la methode biologique". (1)

A ultima equiparação a "sorte de Discours de la methode biologique" é que não nos parece assentar bem, — mesmo porque não se coadunaria com uma obra que reunisse tantas variedades da produção literaria, como sejam, "o tratado, o ensaio, o panfleto e o poema." Tanta multiplicidade de aspectos torna-a nem sempre serena, ou clara, faltando a unidade sistemática, — ou mesmo, o rigor de metodo, para ser aproximada do rigorismo metodico ou da cristalinidade "cartesiana" do "Discurso do Metodo". Afasta-se deste ultimo nas suas linhas caracteristicas, e não logra iguala-lo em importancia, dentro da historia do pensamento.

A tarefa a que se propoz Carrel no seu livro, não deixa de ser gigantesca, mas porisso mesmo cheia de riscos, susceptivel de muitas deficiencias e de cochilos de Homeros, como ele proprio reconhece nas palavras do prefacio. Dificilmente o homem poderá fugir, por mais excepcionais que sejam as suas faculdades, ao espirito da sua epoca. Carrel que tanto investe contra as deformações de especialista, não pode, porem, deixar de ser vitima dessa contingencia. Essa nota se descobre no seu livro que se torna desse modo uma illustração pratica da propria tese que sustenta, quando acentúa a dificuldade de libertação dos pontos de vista especializados.

E a sensação que se tem — ou, ao menos, a que me ficou, — é de uma grande pena á proporção que vamos atingindo as paginas ultimas do livro. Vemos, então, que ele perde um pouco da magnitude do inicio, e que os alicer-

ces foram grandiosos e levantados com segurança e cuidado, mas a cuspide não corresponde a essa solidez, dando-nos a impressão de aleijada ou, quando menos, desarmonica. Emquanto fala o biologo, a firmesa magistral se revela, para fraquejar quando se torna sociologo e sugere reformas sociaes. Podemos dizer, usando de linguagem medica, em homenagem ao autor, que ele acerta quanto á sintomatologia e ao diagnostico dos males sociaes, não tendo, porém, a mesma felicidade na terapeutica sugerida para os mesmos. Dessa desproporção da sua obra é que nos vem aquela sensação de pena: quizeramos que Carrel tivesse tido lazer bastante — que os seus trabalhos técnicos especializados não permitiram, — afim de após maior maturação na parte sociologica e filosofica, nos dar uma obra isenta daquela desproporção. Desejamos então que o livro tivesse sido escrito antes na paz do campo do que “na confusão, no ruído e na fadiga de New-York”, como ele nos declara ter sido escrito. (2) O nosso pesar é pois uma verdadeira homenagem ao autor, — derivando de acreditarmos nas suas possibilidades de erguer obra mais monumental ainda do que a que fez.

Anotemos apenas como consequencia do exposto, o que se nos apresentou como a principal contradição de Carrel. Deixemos de parte as pequenas, as miúdas — que o carater sintetico por excellencia da obra favorece — e que o proprio autor confessa as multiplas possibilidades de existencia.

Essa contradição se põe em destaque sobre tudo quando, tratando da “reconstrução do homem”, Carrel admite um eugenismo “á outrance”, e a eutanasia (está com carater de pena de morte também, ainda que Carrel não fale em pena, talvez por afirmar que a sociedade somente se defende, não sendo capaz de julgar os homens). A eutanasia seria aplicada aos loucos, aos criminosos mais temiveis, aos criminosos loucos, emquanto, por sua vez, todos os fracos e deficientes, seriam nietzscheaneamente suprimidos. Tudo que constituisse um peso morto para a sociedade mereceria ser eliminado, pois “os sistemas filosoficos e os preconceitos sentimentaes devem desaparecer perante esta necessidade.” (Cap. 8 n. 12).

Aí é que está o desacordo de Carrel com todas as teses sustentadas por ele proprio nas paginas anteriores. Carrel condena todos os erros da nossa civilização, profligando sobretudo a

despersonalização e automatização do homem, identificado na nossa sociedade, economicamente a um mero complemento das maquinas, e socialmente a uma unidade sem vida interior dentro do rebanho coletivo. — Depois de tudo isso passa a pregar para as individualidades humanas, sob a inspiração de uma tecnica bio-social impiedosamente scientifica, um tratamento que as assemelha a simples objetos de uma industria em super-produção. Carrel veio a cair em radicalismo peor do que aqueles erros que aponta nas tendencias da vida moderna. Isso demonstra o quanto é difficil fugir-se ás direções da nossa epoca, que inconscientemente nos dominam e arrastam, mesmo quando imaginamos estar afastando-nos delas. São realmente extranháveis aquelas conclusões, num espirito que se mostrou de tão grande liberalismo de referencia aos metodos de investigação biologica, criticando a predominancia, na nossa formação, das ciencias do mundo inorganico, e combatendo o reinado do quantitativo a que nos levou a concepção mecanicista. Por isso mesmo faz ver as estreitezas do exclusivismo fisico-quimico na ciencia da vida (Aliás com alguma injustiça como demonstrou, no artigo citado, Jean Rostand, sobretudo, na parte em que taxa de “puerís” as concepções de Loeb. Não merece ser tão atacado assim o metodo fisico-quimico quando todas as conquistas da biologia de hoje, — e não são poucas relativamente — são devidas a ele), e, á maneira de Richet mostra-se tolerante ás insinuações da metapsiquica. Na biologia, acentua ele, devemos dar guarida, ao qualitativo. A telepatia, a clarividencia e os demais fenomenos dessa zona penumbrosa são olhados sem nenhuma prevenção, e do mesmo modo são recalçados no homem, e postos ao mesmo nivel da sua atividade intelectual, quando não a ultrapassam em valor, as atividades misticas, esteticas e moraes.

Tanta larguesa e liberalismo nos metodos de investigação — e agora esse dogmatismo irreductivel na pratica, valorizando de maneira infalivel as individualidades humanas. E isso em nome da ciencia e do “conhecimento do homem”, que, — ele não cança de afiançar, — está ainda na infancia. Tantas interrogações e reticencias ali, e agora uma infalibilidade imperativa digna de despota científico. E isso em nome da inteligencia a respeito da qual ele, de acordo com Bergson, diz caracterisar-se “por uma

incompreensão natural da vida" (Cap. 1.º — n.º 2). Nega á Sociologia e á Psicologia o caracter de ciencias embora antes (Capitulo 1.º — n.º 2) tenha falado em leis da mística: "A sociologia e a economia politica não são mais do que ciencias conjecturaes — isto é, pseudo-ciencias" (Cap. 1.º — n.º 5). "A psicologia ainda não é uma ciencia. Por enquanto é impossível medir a individualidade e as suas potencialidades" (Cap. 7 n. 3 e também Cap. 4 n. 10). Apesar de toda essa reserva, não se sente impedido de conferir aos dirigentes da sociedade que idealisa, o direito de dispor do corpo e do espirito do individuo, em holocausto aos dogmas científicos. Assevera que "a sociedade moderna cometeu o grave erro de substituir desde a mais tenra idade, o ensino familiar, pela escola," (Cap. 7 n. 10) para depois adotar uma anulação da familia e do individuo por um ideal de socialização verdadeiramente espartano. — Falou com tanta eloquencia das emoções misticas e esteticas, tecendo elogios ao sentimento humano, — para depois preconisar o desaparecimento dos "preconceitos sentimentaes" diante dos decretos frios do cerebro social (Cap. 8 n. 12). Quem determinaria o que fosse "preconceitos sentimentaes"? O que é assim encarado por um, pode ser para outrem, uma vivencia interior de elevada significação. — Carrel esquece-se do ardor com que investiu contra a "moral biologica", e a "materialidade brutal da nossa civilização" (Cap. 8 n. 12). Esquece-se que colocou Ruybroeck, o Admiravel, no mesmo pé de igualdade de Claude Bernard, e advogou o incentivo da mística, o respeito dos valores eticos, a intangibilidade da vida interior e o cultivo da personalidade, — para agora nos dar um mundo onde não haveria nada disso, nem personalidade, nem valores espirituaes, nem vida interior, mas sim um rebanho de autamatos, pacificos, felizes e uniformes. — Carrel ponderara antes: "É possível que a economia dirigida seja bem sucedida. Mas a filosofia é provavelmente irrealizavel." (Cap. 8 n. 11). Se assim for, podemos estar tranquilos de que não se realizará esse mundo com que Carrel nos ameaça.

Acrescente-se, como uma digressão marginal, que o motivo invocado para a adoção da eutanasia é sobretudo de ordem económica: "o custo das prisões e dos asilos de alienados, da proteção do publico contra os bandidos e

loucos tornou-se, como se sabe, gigantesco." — Poder-se-ia arguir-lhe, particularmente no tocante ás prisões, que uma boa organização de trabalho carcerario, diminuiria de muito esse peso morto financeiro, dando, em alguns casos, até renda á administração publica. Grandes obras humanas têm sido feitas por condenados, a maioria dos quaes teria sido eliminada se em vigor o regimen de Carrel. A colonização da Australia pode servir, entre outras, de exemplo, desse aproveitamento dos condenados. — Alem de que essa maneira de tratar todos os desajustados poderia aumentar de muito o "chomage" (uma vez que estamos na esfera dos argumentos economicos) pon-do ao desemprego o sem numero de pessoas que deles se ocupam. Registemos tão somente, para encerrar a digressão, — que aquela justificativa economica só seria digna de ser erguida pela sociedade material e burguesa, sobejamente atacada por Alexis Carrel, e nunca por uma sociedade que se tivesse libertado desses impositivos inferiores.

Mesmo sobre o ponto de vista do biologo, não seria muito coerente esta supressão dos deficientes e dos fracos. Ela daria o proprio estancamento da ciencia medica, e do conhecimento do homem, cuja necessidade é tão enaltecida pelo grande sabio do Rockefeller Institute.

Há, aliás, a esse respeito certas paginas do livro que difficilmente se conciliam. Depois de dizer: "Para que aumentar a duração da vida de individuos que são infelizes, egoistas, estupidos e inuteis"? (Cap. 5 n. 5), e mais adiante: "É preciso abandonar a idéa perigosa de abater os fortes, enaltecer os fracos e, desta maneira, fazer pulular os mediores" (Cap. 8 n. 6), — Carrel ajunta: "A materialidade brutal da nossa civilização não só se opõe ao exercicio da inteligencia, como também esmaga os afetivos, os fracos, etc..." (Cap. 8 n. 12).

Em Carrel se trae o espirito do biologista. Os medicos têm mais facilidade de ser partidarios dos totalitarismos. Isto sem falar de que a tarefa da investigação e do laboratorio tende geralmente a fazer os seus representantes ansiar em primeiro plano a paz e a ordem, que equivalem para eles, no corpo social, á saude que, tanto procuram para o corpo fisico. O seu labor alem disso, pode realizar-se mais despreocupado da organização politica do que o do sociologo, o filosofo, ou o pedagogo. — Mas é

sobretudo a formação mental do medico que o propende mais a essa simphathia pelo estatismo. Inconcientemente são levados a identificar a sociedade ao organismo. Um meu amigo medico, de formação liberal e vivo talento, reconhecia não obstante essa verdade. — É interessante notar que a liberdade viu a sua aurora na vida moderna ao mesmo tempo em que a concepção mecanicista do mundo substituiu a concepção organologica. A equiparação da sociedade, ao organismo vivo faz com que o individuo seja relegado a mera sombra sem significação, em holocausto ao criterio dominante da regularidade, da saude social, da moralidade. É esse criterio e esse espirito que sobresaem na obra de Carrel, — ainda que ele fale tanto em desenvolvimento da personalidade humana, na reafirmação do individuo, ou no cultivo da vida interior. É obrigado depois, como vimos, a ser incoerente com tudo isso. Quando aponta padrões de personalidade escolhe sobretudo os amalgamadores de multidões, os que se elevam sobre o alicerce da fraqueza coletiva, como "Cesar, Napoleão, Mussolini" (Cap. 7 n. 7) — mais dignos de admiração para os tempos homericos, como dizia Bertrand Russell, do que para os nossos dias. Da minha parte egeria outros especimens para servir de indice á grandeza do espirito humano. — Não refletiu Carrel que é a admiração desses exemplares que tem impedido "o desenvolvimento da personalidade humana" exortado por ele. Em varios topicos do seu livro não escondeu uma admiração entusiastica por Mussolini ao tempo em que mantem a sua pena em riste contra a democracia. Mas não teve a gratidão de pensar que esse seu ataque á democracia é feito dentro de um paiz muito democratico, — e que sem duvida não poderia fazer o mesmo, quanto aos erros do facismo, se vivesse na Italia. Teria que guardar como um segredo profissional, todas as verdades que a consciencia lhe ditasse o dever de proclamar aos seus semelhantes, — para não molestar a tensão arterial do Duce e não ser autor, por sua vez, mais molestado ainda.

Quando faz a critica á democracia, Carrel parece desconhecer o seu lidimo significado. Emprega expressões que podem seduzir taes como: "O idiota e o homem de genio não devem ser iguaes perante a lei." (Cap. 7 n. 10). Ora não ha lei alguma de paiz democratico que assim os considere. Democracia não é ni-

velação absoluta. A Declaração dos Direitos do Homem de 1889 admite o criterio da diferenciação baseado nas virtudes e talentos. Mais adiante, acrescenta: "O principio democratico contribuiu para a decadencia da civilização, impedindo o desenvolvimento do escol" (Cap. 7 n. 10) A parte final dessa assertiva pode ser posta em duvida, a primeira, porem não parece justificavel. Gasset convence-nos com fatos, justamente do contrario, demonstrado que num só seculo de democracia a população da Europa aumentou tres vezes mais do que em doze seculos: "Aparece a historia inteira como um gigantesco laboratorio onde fizeram todos os ensaios imaginaveis para obter uma formula de vida publica que favorece a planta "homem". E rebatendo toda possível sofisticação nos encontros com a experiencia, ao submetermos a semente humana ao tratamento destes dois principios, democracia liberal e tecnica, num só seculo, tríplica-se a especie europea". Conclue então o pensador hespanhol que se democracia não é o regimen de vida melhor imaginado, o que imaginemos melhor terá de conservar o essencial daqueles principios. (3) As causas de decadencias, — se esta é um fato, — devem ser outras que não a simples forma democratica, pois tambem desgeneram as aristocracias, e nos nossos dias a decadencia moral e cultural se acelera justamente nos paizes totalitarios, não democraticos.

Em outra passagem Carrel subverte o verdadeiro conceito de democracia. É quando escreve: "A vida interior, essa coisa privada, escondida, que não se pode partilhar, não-democratica, é considerada como pecado pelo conservantismo de muitos educadores". A expressão ahí "não-democratica" presta-se evidentemente a equivoco, pois o caracteristico da democracia é a intangibilidade e o respeito a essa esfera interior, que deve permanecer inacessivel á socialização — contrariamente aos paizes totalitarios, a Alemanha, por exemplo, onde Carl Schmit proclama: "Não ha mais vida privada." — Não sei como conseguiria Carrel desenvolver a personalidade humana, faze-la escapar da estandartização da vida moderna (Cap. 8 n. 12) — banindo o principio democratico. Porisso mesmo não é extranhavel a pedagogia criminal que ele aconselha atravez do "condicionamento dos criminosos menos perigosos por meio do chicote, ou outro qualquer meio mais científico, etc."

• LÃ SE FOI A VIOLA

*Porque perdeu a mamata,
o povo ficou medonho:
quebrou os copos e os pratos,
xingou, pintou e berrou.*

*Lembrou-se então de Tiberio,
pediu justiça a Pilatos,
batendo o pé e berrando.*

*O rei de Roma acudiu,
se levantou do caixão
e o papa fez um aceno,
chamando aquele rebanho
que vinha com Caiphaz.*

*A igreja benzeu o povo
e excomungou quem matou
a vaca que dava leite.*

*Porem aquela mamata
não quer voltar nem a gancho.*

*Só pode ser o demonio
quem mata a vaca leiteira,
tirando o leite do povo,
fazendo esta desgraceira.*

SOSIGENES COSTA

(Cap. 8 n. 12).

Todas as imagens e paralelos, em suma, de Carrel, trazem esta concepção organicista da sociedade. Tenta ele esboçar "a reconstrução do homem" numa coletividade dirigida por um corpo de sábios, adestrados por uma educação especial de ascetismo e oniciencia, verdadeiros "mandarins da síntese" na frase feliz de Jean Rostand, que formaria o cerebro consciente da sociedade, controlando-lhe todos os movimentos: "Devemos portanto procurar a maneira de dar á humanidade um foco intelectual, um cerebro imortal, capaz de reunir, de integrar os seus esforços e dar finalidade á sua marcha errante" (Cap. 8 n. 4). É uma concepção sumamente organica, ainda que seja reedição de velhos sonhos desde Platão a Renan. — A vida desses sábios assemelhar-se-ia á dos monges das velhas ordens monasticas, com a substituição apenas da divindade da fé, pela divindade da razão e da ciencia, — pitonisas onde se tornariam mediunicamente conscientes os decretos da felicidade humana. Seria um ponto a discutir se a vida anti-natural que levariam, lhes asseguraria vigor mental suficiente para sua tarefa de super-homens. Carrel não nos adverte do perigo desses novos papas da deidade científica armados do ceptro dogmatico da síntese. — Isso, não obstante ter reconhecido ele proprio que os sábios muitas vezes cederam á tentação de transformar as suas hipoteses em "artigos de fé", e se "imobilisaram em formulas rigidas como os dogmas duma

religião" (Cap. 2 n. 1). Talvez com a existencia deles, fosse mais difficil dar ouvidos ao conselho de Claude Bernard, repetido por Carrel: "é necessario libertarmo-nos de sistemas filosoficos e cientificos como se quebrassem as cadeias de uma escravidão" (Cap. 2 n. 1). É sobretudo expressiva a designação de Jean Rostand de "mandarins da síntese" porque nos lembra a existencia do sistema, sob certos aspectos, na China, causando a estagnação da vida espiritual desta, por meio de uma burocratização da cultura.

O perigo da intolerancia passa de mais perto pelas sínteses, do que pelas analyses. — Ainda assim desejaríamos, ao menos, que fossem dados a Carrel a paz e o genero que gosariam esses sábios, — e, possivelmente, a sua obra teria as proporções que adivinhamos, expurgada dos vicios por ele proprio reconhecidos. E talvez que o tivessemos mais cauteloso e prevenido para a ardua, perigosa e temeraria aventura da síntese.

(1) — Jean Rostand — "La Nouvelle Biologie" — Fasquelle — Paris — 1937 — pags. 173.

(2) "L'Homme, cet inconnu" — Librairie Plon — Paris — 1936, no prefacio; e a tradução portugueza de Adolfo Casais Monteiro — Editora Educação Nac. Porto — 1937.

(3) Ortega Gasset — "A Rebelião das Massas" — pags. 61 — Publ. Ltd. — S. Paulo. 1933.

QUANDO O ESCRITOR NEGRO NÃO VENDE

Eis aqui os principais problemas dos escritores negros nos Estados Unidos. Em primeiro lugar nossos livros são considerados pelos editores e diretores de edições como material exótico. São colocados, como os materiais chineses, bailios ou índios dentro de determinada classificação. É comum os diretores das revistas dizerem a um escritor negro: «Não podemos publicar ainda um certo número de contos negros por ano», (Esse «certo» quer dizer muito poucos.) Os editores dizem: «temos já uma novela negra em preparo para este outono».

O mercado para os escritores negros é, pois, muito limitado, enquanto escrevemos acerca de nós mesmos. E quando escrevemos fielmente, mais limitado se torna nosso mercado. As novelas acerca de negros que são bem vendidas, sejam escritas por negros ou brancos, as que tiram maior número de exemplares e que recebem os primeiros prêmios são quasi sempre livros que refletem ligeiramente



Langston Hughes é a voz maior da poesia negra. Os seus poemas transpõem todas as fronteiras.

os fatos da vida dos negros. São livros que apresentam nossos ghettos negros nas grandes cidades como lugares felizes e nossos campos algodoeiros do Sul, como lugares idílicos com sua poesia pastoral. Nesses livros não existe a fome nem a «segregação», não há linchamentos, temores, intimidações ou negros indigentes. O exótico é o raro e o ditoso e talvez o patético e o melodramático, porém não o trágico. Somos considerados exóticos. Quando deixamos de sê-lo, não vendemos nossos livros.

NOSSOS PROBLEMAS

Não ha suposição, para os novelistas negros venderem suas obras aos produtores cinematograficos. Nenhum studio cinematografico se atreveu, em toda sua historia, a produzir uma pelicula tomando como base um valor dramático fun-



O escritor Claude McKay, poeta, novelista, nasceu em Jamaica e vive no Harlem, depois de ter adotado a cidadania americana

DEIXA DE SER EXOTICO, SEUS LIVROS

LANGSTON HUGHES

damental da vida do negro. Nenhum só. Na tela, nós somos creados, palhaços ou idiotas. Personagens de comedia. Estranhos e muito divertidos. O material negro usado, raramente foi escrito por negros.

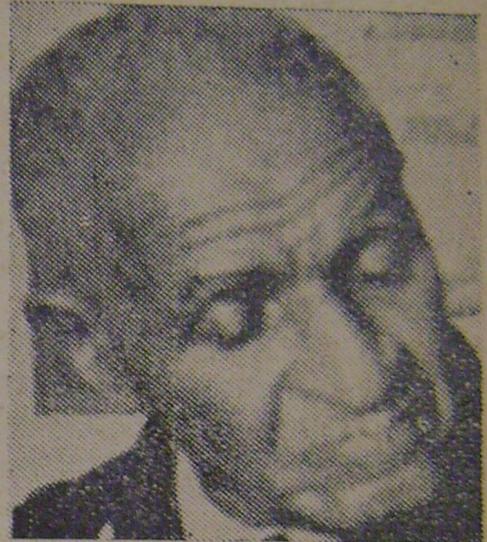
Falo primeiramente deste problema de se ganhar a vida, porque é fundamental. Muitos escritores mal alimentados morrem jovens, ou deixam de ser escritores, porque se vêm obrigados a fazer outra coisa.

Passemos ao campo da conferencia, que é uma fonte de renda para muitos escritores brancos, nordicos ou não. Os principais centros de conferencias não contratam oradores negros. Existem milhares de liceus femininos que jamais levaram — nem levarão — á sua tribuna um conferencista negro. Posto que com frequencia seja servido chá, entra, sem duvida, o fator da igualdade social no assunto. Em varios estados da nossa republica americana, se proíbe que negros e brancos tomem chá juntos, publicamente.

Si um escritor negro consegue fazer uma tournée de conferencias, tropeça com uma serie de inconvenientes, que assediam o viajante negro por onde quer que vá: no Sul, ha o vagão destinado aos negros e o salão de espera «segregado». Se viaja em automovel não ha campos turisticos para os negros e poucos são os restaurantes aonde podem comer. Em todas as partes, ha falta de alojamentos nos hotéis. Não faz muito tempo que a imprensa noticiou que o hotel «Lincoln», de Springfield, negou aposentos a Mary Anderson, onde ia cantar. Os escritores e os artistas negros deste país se com frequencia são aplaudidos no palco são tratados rudemente fora dele. Si na cidade não ha familias negras que lhes dêem alojamentos, supponho que os brancos queiram que durmam em estabulos.

INSULTOS E SEGREGAÇÃO

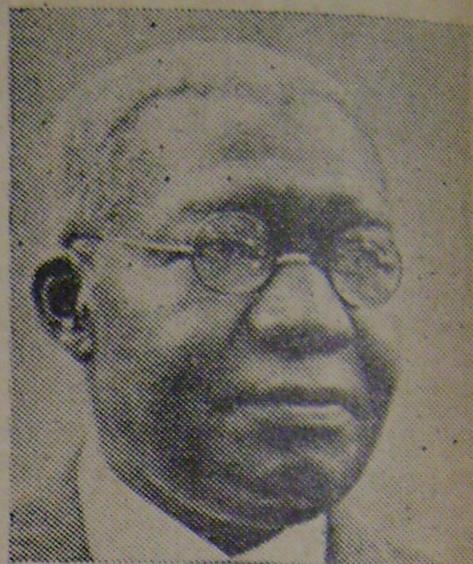
Faz menos de um mez que um amigo, novelista negro bastante conhecido, cuja terceira novela acaba de ser posta á venda, foi convidado a falar ante um auditorio de mulheres em seu liceu. Na hora da conferencia, o porteiro impediu a passagem do novelista. Este foi forçado a ir á farmacia da esquina e telefonar ás damas dizendo que estava perto esperando poder entrar. Os porteiros e os



George Washington Carver, de Tuskegee, é um dos cientistas mais eminentes dos E. E. U. U. Nacido escravo, em 1864, dedicou-se inteiramente a pesquisas científicas de grande valor

acensoristas, acostumados às nossas normas de segregação, com frequência impedem a entrada de negros em hotéis e clubes, ainda quando tenham sido superficialmente convidados... Na America é considerada a coisa mais natural que os negros, sejam ou não escritores, usem a porta dos criados.

Quando se põhem estas coisas num conto ou num livro, não serão por certo um recreio exótico e agradável. Não se encontra neles o doce amôr do Sul — ainda quando os personagens falem em dialeto — de modo que não têm bôa vendagem. Uma de nossas mais velhas revistas culturais, depois de recusar uma historia minha, escreveu-me uma nota curiosa. Dizia o diretor: «Acreditamos todavia, que os nossos leitores lêem por prazer».



Robert R. Moton, educador, foi presidente de Tuskegee, posto que soube conduzir com maior habilidade do que qualquer outro.

RESUMINDO

O mercado para os escritores negros é muito limitado. Os empregos como escritores profissionais, conselheiros de editoras, etc., apenas existem para os negros. Hollywood, no que diz respeito aos negros, é como se estivesse controlado por Hitler. As atenções de uma viagem decorosa, o alojamento nos hotéis e o serviço nos restaurantes, a cortesia dos porteiros, dos acensoristas e de outros empregados são negados aos negros da America, sejam ou não escritores. Os autores negros têm que viajar nos vagons destinados a «Jim Crow».

Estes são os fatos. Que se pode fazer para resolver nossos problemas? Nós queremos criar o sonho americano: uma America melhor e mais democratica. Os brancos não podem faze-lo sem os negros, nem os negros sem os brancos. Somos todos americanos. Podemos marchar juntos? Porém a palavra marchar sugere armas e soldados. Podemos, diremos melhor, juntar nossas frentes, pensar e fazer planos — e não somente sonhar — para o futuro da America?

Mil e quinhentos periodicos suspensos na Alemanha desde 1933

A Alemanha, que, com muita razão, se vangloriava de ser um exemplo dos mais salientes do periodismo europeu, perdeu, acentuadamente, de alguns anos para cá, aquela posição de destaque que ocupava. Desde 1933 desapareceram do Reich nunca menos de 1.500 periodicos. Os que restam estão, na sua quasi totalidade, subordinados á orientação do governo nazista.

Como resultado das restrições impostas á imprensa alemã, o interesse publico por todos os periodicos decaiu notadamente. Os alemães sabem que o dr.

Goebbels acha que as massas não têm grande inteligencia, que sua memoria é fraca e que quaisquer noticias têm um valor meramente momentaneo. Nem os periodicos editados em alemão no exterior são, atualmente, permitidos dentro do Reich.

Mas, isto não acontece somente na Alemanha. Hoje, em quasi toda a Europa, a imprensa se tornou um instrumento do poder politico, muito longe de atender ás suas finalidades primarias de «voz do povo», veiculo da cultura e intermediario das aspirações populares.

Na America, em parte, é assim.

de suas fontes de produção. Todos estes fatos são conhecidos. Mas, precisam ser lembrados para a compreensão do fenomeno fascista no paiz dos germanos.

A Italia nunca desfrutou a prosperidade industrial, nem se avizinhou da riqueza. Mais pobre do que a Alemanha, a sua industrialização não tem a força e a vertiginosidade da germanica. A guerra, não a alterou, no particular. Aliada dos alemães e austriacos, preferiu combater ao lado da França e da Inglaterra. Finda a guerra, esperava colher bons frutos que lhe possibilitassem o desenvolvimento industrial. Mas, com surpresa, que se transformou em indignação nacional, a Italia foi tratada, na conferencia da paz, como uma parenta pobre. Uma sensação de geral desapontamento deve ter invadido a península, ou, pelo menos, deve

ter dominado os seus filhos esclarecidos. A contribuição italiana fôra subestimada. Escapava, assim, uma excelente oportunidade de se expandir industrialmente, de solidificar sua posição internacional. Com isto, o complexo de inferioridade foi estimulado.

A expansão territorial, em consequencia, se apresentou a estes paizes como um imperativo do seu desenvolvimento economico. A Alemanha, saudosista, teve ganas de reaver suas fontes de produção, perdidias, seu territorio desmembrado, suas colonias apropriadas. A Italia só encontrou uma solução para prosperar, a conquista de paizes independentes e a ampliação das esferas de influencia. Por isto, dedicaram-se de corpo e alma a esta politica. E fizeram a guerra.

Casa Guimarães Ltda.

BAHIA

LOTERIAS

Rua Conselheiro Dantas, n. 5

End. Telegrafico: Maguima — Caixa Postal 207

CIDADE DO SALVADOR -- BAHIA

Deseja um bom
impresso?

Procure a

GRAFICA

MODELO

LOPES CARDOSO. 16. 1º And.

SEAGERS

DIGA "SIGA"

GIN

QUALIDADE 100%
PELA METADE DO PREÇO

A Inglaterra julgada por

«Si tanto se fala a respeito dos mártires do Terror francês, é que foram eles gente no-

H. G. WELLS CONTA A HISTORIA

“O MUNDO NÃO PODE ESPERAR

tavel, bem relacionada, não tendo faltado certa prestigiosa propaganda de seus sofrimentos. Mas comparemos esses sofrimentos com o que se passava, de modo geral, nas prisões do mundo, por esse tempo. Na Inglaterra e na America, enquanto dominava o Terror em França, só por crimes contra a propriedade, — muito frequentemente por contravenções inteiramente triviais — matou-se maior numero de pessoas de que o total de condenados pelo Tribunal Revolucionario, por traição contra o Estado».

E isto é a Inglaterra com os proprios ingleses, conforme nos relata um inglês — H. G. Wells.

No entanto, Wells já nos mostrara na sua Historia Universal como alguns anos antes a «East Trading Company», que originariamente, ao tempo de sua incorporação, sob o reino da Rainha Vitoria, nada mais era do que uma companhia de aventureiros maritimos»... «encontra-se de repente, lidando não sómente com especiarias e tinturarias e chá e joias, mas com tributos e territorios de principes, com os destinos da India».

Aí, foi o inicio desse dominio que iria estender-se por continentes, explorando riquezas e espalhando desgraças. «Será assim de admirar — pergunta Wells — que os seus capitães, comandantes e officiais, e até seus funcionarios subalternos e soldados comuns, voltassem á Inglaterra carregados de despojos?».

E era o começo apenas. Estavamos então pelos meiodos do seculo. As regiões colonizadas dos Estados Unidos futuros eram habitadas por ingleses recalitrantes e que não se submetiam facilmente a todos os caprichos imperiais. Tornava-se necessario procurar gente mais docil.

DEPOIS, A AFRICA

Wells fala-nos em seguida (H. U., pag. 270) da conquista da Africa pela Inglaterra.

«Não podemos contar aqui com detalhes o modo pelo qual a Gran Bretanha obteve a possessão do Egito em 1883, e ali se conservou a despeito de ser o Egito, oficialmente, uma parte do Imperio Turco». E acrescenta: «Em Uganda, os missionarios catholicos franceses e anglicanos britannicos disseminaram uma especie de cristianismo tão penosamente carregado do espirito de Napoleão e tão subtilmente insistente em nuanças de doutrina, que poucos anos depois Mengo, a capital de Uganda e seu primeiro vislumbre de civilização

um inglês

ORLANDO GOUVÊA

DO DOMINIO INGLÊS NO MUNDO

PELOS BRITANICOS PARA SER GUIADO"

européa, se viu repleta de «protestantes» e «catolicos» mortos, difficilmente distinguiveis dos guerreiros totalmente despidos de espiritalidade do antigo regime».

Era uma das muitas e magnificas resistencias ao dominio britanico e ao dominio estrangeiro em geral, que dos nativos só queria o lucro de seus empreendimentos.

A VEZ DO JAPÃO

Wells não teve tempo nem espaço para contar-nos a «conquista» do Egito e o arrazamento de Alexandria por uma esquadra britanica, em 1883. Passou em seguida ao surgimento do Japão, informando-nos que em 1863 «um sulto britanico foi morto num conflito de rua e uma cidade japonesa bombardeada pelos britanicos».

PASSAGEM DE OURO

A' pagina 300 do terceiro tomo da H. U. de Wells encontramos estas palavras que dizem muito: «A tendencia do dominio britanico é a de ignorar ou diminuir o esforço intelectual indiano».

E isto depois de existir Rabindranath Tagore.

A INGLATERRA NA IRLANDA

E' ainda muito atual a luta da Irlanda pela sua independencia do Imperio britanico. Wells explica-nos porque:

«O dominio inglês na Irlanda foi, desde o principio, uma guerra civil intermitente, devido ao conflito de linguas e das leis de terra e de herança dos dois povos. As rebeliões, massacres e subjugações da infeliz ilha, durante os reinados de Isabel e Jayme I, não os podemos contar aqui; mas sob Jayme I, sobreveio uma nova discordia com a confiscação de grandes areas de terras do Ulster e sua colonização por escoceses protestantes».

Como era natural, o irlandês reagia ao dominio e não perdia oportunidade de pagar olho por olho. Em 1641 houve um massacre de ingleses na Irlanda. E, diz-nos Wells, «mais tarde, Cromwell se vingaria deste massacre, não dando quartel a nenhum homem encontrado em armas, severidade recordada pelos catolicos irlandeses com extremo amargor». Depois, vem o tratado de Limerick, cheio de promessas que o governo inglês jamais cumpriu. «Limerick é ainda uma recordação capital na longa historia do azedume irlandês», comenta Wells. E acrescenta:

«A historia das relações entre a Irlanda e a Gran Bretanha, no

ultimo meio seculo, é uma historia que lança ao mais extremo des-credito a classe governante do Imperio britanico»...

DEPOIS DA GRANDE GUERRA

Veio a revolução mecânica, veio a revolução industrial e

apesar da carnificina de 14 -- 18 o mundo continuou a procurar melhores caminhos para uma vida melhor. Mas — como o tradicionalismo inglês é intangível — a Gran Bretanha continuou a sua tradicional politica até mesmo quando a «ingenuidade» americana propôs uma Liga das Nações, sonhando com uma confraternização universal dos povos. A Liga, que, de acordo com os 14 pontos de Wilson, devia ser um organismo destinado a acabar com todas as rivalidades, com todas as animosidades entre Nações, com todas as guerras, viu-se transformada num instrumento para mais uma vez conduzir a Inglaterra a novas conquistas ou para garantir-lhe pelo menos os dominios então existentes. Que mais uma vez fale Wells:

«Mr. Lloyd George levou para o Concelho dos Quatro a sutileza de um gaulês, a complexidade intrincada de um europeu e a urgente necessidade de respeitar e atender a egolatria dos imperialistas e capitalistas britanicos que o haviam repostos no poder».

“HUMANIDADE” INGLÊSA

Em 1921 o mundo conhece mais uma face do dirigente britanico. Nesse ano,

a Russia, devastada pela guerra, por revoluções e invasões subvencionadas pela França e pela Gran Bretanha atravessa uma das mais tremendas secas da historia do mundo. Morriam milhões á fome. Organizaram-se então comissões de socorros ao povo russo, sob a iniciativa dos americanos. E Wells lamenta:

«O governo britanico que havia despendido centenas de milhões em operações militares ilegítimas contra a sua antiga aliada, manchou o bom nome da Gran Bretanha no mundo com a recusa de qualquer contribuição ao trabalho de socorro».

(Esse «bom nome» de que nos fala Wells é que merece uma interrogaçãozinha...)

PALAVRAS FINAES

Por um volume de 500 paginas, H. G. Wells, o britanico, embora não tendo «espaço» muitas vezes para nos contar coisas ilustrativas como a destruição de Alexandria ou a guerra dos Boers, procura não esconder a conduta lastimavel da Gran Bretanha no mundo, por quatro seculos. Tratando da historia da China em 1925, o grande estudioso profetisa: o «habito de tirotear as multidões póde ainda vir a acabar com o Imperio Britanico». Mas, duas paginas antes tem constatado:

«O mundo não póde esperar pelos britanicos para ser guiado. Os povos de lingua inglesa falharam. Não lograram desenvolver a necessaria organização educativa nem atingiram á indispensavel grandeza moral para a liderança da Humanidade».

E' uma sentença.

O FERRO NA EUROPA

O ferro, o petróleo e o carvão formam a trindade da guerra. São esses tres produtos do sub-sólo que alimentam os imperialismos.

Ora, as jazidas de ferro européas estão em franca decadencia. E não se trata de uma crise passageira, mas de um esgotamento que só as importações da America, e sobretudo, das jazidas inexploradas da Asia, poderão suprir.

Mas, isso são possibilidades longinquas, com que contam, é certo, os dirigentes dos grandes imperios em luta, cada um do seu lado, para quando da futura partilha do mundo. E cada um deles precisa, para já, urgentemente, de ferro.

O esgotamento das jazidas britânicas preocupa, ha muito, os seus economistas. Avaliam-se em 450 milhões de toneladas, somente, as reservas britânicas de ferro, ainda existentes, e isso é da maior gravidade para um país que creou o seu prestigio, sob a égide de uma potente industria, e que tem a agravante de ser a cabeça de um imperio de 450 milhões de súditos.

Esse esgotamento das jazidas fez diminuir, consideravelmente, a exportação, que foi, em 1913, de 16 milhões de toneladas, não ultrapassando de 7 milhões, em 1933. As minas inglezas, antes da corrida aos armamentos, não produziam mais de dois terços do mineral utilizado na Grã-Bretanha. Todavia, as jazidas britânicas estarão, muito em breve esgotadas.

Os altos fornos da região de Cardiff consomem, somente, mineraes importados. Os da região de Middlesbrough utilizam os mineraes bastante pobres de Cleveland, misturados com mineraes importados.

Por isso, a produção de aço in-

glez caiu, de 7.663.000 toneladas, em 1913, a 4.689.000 em 1931. A queda da fundição é mais sensível ainda. Se, em 1913, foram fundidos 10.260.000 toneladas de minerio, em 1933, pouco passou de 4 milhões. Daí, a diminuição das exportações, que foi de 1.128.000 toneladas em 1913, e de 108.000 toneladas, em 1934. E ainda não tinha começado a corrida aos armamentos.

A situação alemã não é melhor. Antes da conquista dos novos territorios, e, portanto, antes de explorar as riquezas da Tcheco-Slovaquia e da Polonia, a sua produção não excedia um terço da capacidade de seus altos fornos.

A França bastava-se, até á corrida armamentista, embora as suas reservas sejam bastante fracas.

A URSS produziu, em 1926, apenas, 506.000 toneladas, extraíndo, em ... 1933, quatorze milhões de toneladas e, em 1934, 21.000.000. Na produção de aço, que era, em 1923, de 732.000 toneladas, alcançou, em 1934, cerca de dez milhões, batida ainda pelos Estados Unidos, que continuam sendo o primeiro produtor mundial.

Em 1880, a Grã-Bretanha produziu 42% da produção mundial de ferro, a Alemanha, 15% e a França, 9%. Em 1933 a Grã-Betanha produziu 8,53%, a Alemanha, 10,73 e a França, 12,58 por cento.

Estes numeros mostram-nos o declínio dos grandes imperios europeus, na exploração de um dos principaes produtos de que se alimenta a guerra, e explica-nos, de certa maneira, a batalha que se travou, na Scandinavia, onde as riquezas das jazidas de ferro da Suecia são uma atração para os imperios em luta.

12 BILHÕES DE TONELADAS METRICAS DE MINERIO

A escacês de ferro é uma das maiores dificuldades dos países fortemente industrializados. A Inglaterra, a Alemanha e a França sentem isto profundamente. Este é um dos fatores que, na guerra atual, têm provocado muitas batalhas e até mesmo, o desaparecimento de países antes independentes.

Enquanto isto, o Brasil possui a maior reserva de minerio do mundo. A sua industria siderurgica, porem, é quasi insignificante.

Uma noticia recente diz que as jazidas de ferro já avaliadas e identificadas dispõem de cerca de doze bilhões de toneladas metricas de minerio de teor riquissimo, equivalente a sete bilhões de toneladas de metal, representando uma quantidade de ferro suficiente para suprir todas as necessidades de duas ou três civilizações, durante varios seculos.

« BAIANAS »

CARLOS COUTINHO

Um meu amigo, estudioso das cousas e dos costumes da Baía, certa vez que eu lhe chamava a atenção para o obstinado apêgo das «baianas» (1) ás suas vestes tradicionais, observou-me outro interessantissimo aspecto dêsse espirito conservador. Notava êle, acentuando a fidelidade admirável dessas mulheres á tradição, que, a despeito de todas as vicissitudes economicas em sua existencia, elas jámais se desfazem dos valiosos adornos de ouro e de prata que muitas possuem. Mesmo nos momentos mais agudo de crise não lhes passa pela cabeça vender aquilo cuja posse constitue para elas motivo de verdadeiro orgulho. E êste respeito á tradição, êste sacrificio, si assim podemos dizer, é tanto mais para admirar quando comparamos o seu exemplo com o de tantas pessôas que ás vezes unicamente para alimentar um «standard» artificial de vida, não hesitam em desfazer-se de joias de estimação e de muitos outros objéto de uso pessoal.

O fenômeno é bastante curioso.

Não se trata de um prolongamento de costumes dentro de um «habitat» isento de contrastes, como succede em relação a certas nacionalidades, ou minorias que, vivendo em sólo extranho, apegam-se fanaticamente á cultura e ás tradições de origem no interesse de manter sua propria unidade. O que se passa com as «baianas» é bem diferente. Elas

não constituem uma nacionalidade nem tão pouco uma minoria. São simplesmente mulheres que, existindo num meio de feição européa, continuam a resistir aos aspectos exteriores da civilização moderna. A tal ponto que mesmo quando se afastam da Baía, empregadas como cozinheiras, profissão em que se tornaram famosas, ou em visita a algum filho distante,—mesmo quando deslocadas do seu meio—jámais perdem seus caractéres distintivos, continuando a usar suas saias rodadas, suas voltas, suas pulseiras, seus braceletes, suas figas, seus patuás, tudo isto enfim que está hoje conhecido, dentro e fóra do país sobre a denominação pouco rigorosa de balangandans (2).

Outro traço peculiar a essas admiraveis mulheres trabalhadoras que encontramos a cada passo nas ruas do Salvador ou em algumas cidades do Reconcavo (Cachoeira, principalmente) é o rigoroso asseio que põem nas suas vestes. Usando preferentemente as tonalidades claras, onde o sujo com dificuldade se disfarça, apresentam-se de ordinario limpas. Verdadeiro culto da higiene pessoal que se teria prolongado nas «baianas» como uma sobrevivencia da cultura mussulmana entre nós. Este sentimento de limpeza pode ser visto tambem, no cuidado que as «baianas» vendedoras de acaragé, abará, efó, cuscús, bolinhos de tapioca, amendoins e um sem numero de guloseimas dispensam aos seus tabo-

leiros, protegidos tanto quanto possível das impurezas por alvissimas toalhas de algodão ou de papel não raro trabalhadas artisticamente.

Bondosas, geralmente bem humoradas, mas altivas e corajosas quando as circunstancias assim o exigem, é um gôsto vê-las junto aos seus taboleiros apoiadas sobre cavalêtes de madeira, servindo á freguezia com gestos lentos e regulados como se obedecessem a um ritual sagrado. Todo o seu mundo se resume áquilo. E tal genero de vida acaba necessariamente por comunicar-lhe êsse ar de imperturbavel serenidade que é a sua principal característica. Por isso mesmo que não é um genero transitório de vida podendo ser abandonado hoje ou amanhã, mas uma profissão que lhes absorve toda a existência. Profissão humilde, é verdade, mas que elas exercem com uma nobreza, uma dignidade de causar admiração. Anos a fio estacionam em determinados pontos da cidade, percorrendo invariavelmente os mesmos trajétos. O ponto de rua, que elas conquistaram com sua presença diaria, transformar-se finalmente em uma espécie de direito adquirido que as respeitaveis posturas municipais não ousaram ainda atacar. Direito que, em alguns casos, é até mesmo hereditário, como acontece com aquela «baiana» do Elevador Lacerda, a qual, após o falecimento da progenitora, assumiu a direção do negocio, herdando-lhe não só

o ponto mas também a incomparavel arte de fazer acaragês, os mais gostosos da Baía, na opinião de velhos moradores de S. Salvador, versados em questões de cozinha afro-baiana.

E, quanto sacrificio, muitas vezes nestas simples e obscuras existencias! Sabemos de mais de uma destas «baianas» que, com o produto do seu pequeno comercio e á custa naturalmente das maiores privações, conseguem proporcionar educação aos filhos e até mesmo diplomá-los como professores (3).

«Baianas» de fato, e não méras estilizações carnavalescas ou teatrais, continuam a resistir, fieis á tradição. Porque — intuitivamente elas o sabem — o segrêdo de sua força está em não mudar.

(1) — Nossa generalização a respeito das «baianas» comporta toda uma variedade de tipos que vai desde as crioulas de pura cêpa africana, contemporaneas da escravatura e em idade avançada, até as mulatas sensuais que sustentam a tradição materna vestindo-se a caráter. Deve ficar igualmente entendido que nem todas as negras da Baía são «baianas». Estas representam mesmo uma minoria relativamente á grande massa negra feminina do Estado.

(2) — Balangandans, barangandans ou bereguendens — ornamentos de prata usados pelas «baianas» nos dias de festa.

(3) — Conforme tivemos oportunidade de notar em nosso trabalho intitulado A INFLUENCIA DO NEGRO NA FORMAÇÃO SOCIAL BAIANA, o magisterio, sendo uma profissão relativamente acessível, afigura-se-lhes o caminho mais rápido para a ascensão social.

LEITOR AMIGO:

Contribua para o desenvolvimento da cultura,
FAZENDO UMA ASSINATURA DE "SEIVA"

Mas a mesma casa franceza, que constrange ainda o Brasil a importar da Europa um farmaco precioso, que poderia ser facilmente preparado entre nós, opôs-se a este nosso pedido de patente, alegando que, pouco tempo antes (termo n. 23111, anexo ao Diario Oficial de 28 de Outubro de 1939) havia obtido uma nova patente geral sobre os compostos sulfanilamidicos ligados a um nucleo tiazolico ou benzotiazolico em posição N1. Portanto, segundo a casa franceza, a preparação dos termos novos por mim obtidos pela primeira vez e de todos ainda por descobrir *fica anteriorizada* (sic) pelo privilegio de invenção obtido por tal casa. Em outras palavras, a firma franceza reivindica a prioridade de invenções a serem descobertas ainda...

Deixamos ao criterio dos amigos qualquer comentario extra-cientifico. Porém, os quimicos dirão comigo que um residuo tiazolico, assim como um residuo piridico, não se identificam em um *quid* estavel e imanente, mas sim em uma serie muitissimo variavel de numerosissimos termos, tendo em comum somente o esqueleto heterociclico, tiazolico ou piridico; o privilegio reivindicado pela firma franceza pode ou poderia, pois, proteger somente a ligação, ao esqueleto sulfanilamidico, *daquele* grupo tiazolico ou piridico especial, apto a obter *aquela* composto especial que o relatorio do re-

querimento de patente deve denunciar e definir.

Baseados nas relações entre estrutura quimica e atividade antibacteriana, podemos sem hesitação afirmar que, entre as numerosissimas sulfanilamidas contendo, em posição N1, um resto heterociclico, tiazolico ou piridico, teoricamente previsiveis, poderá haver termos quimio-terapeuticamente ativos e termos inativos, impedir *a priori* a preparação e a experimentação desses produtos é paralizar o desenvolvimento da invenção humana, fechar aos cientistas a via do progresso, condenar as industrias farmaceuticas a um estado de rotina, de servidão e de agonia. Podemos aprovar com indiferença privilegios, demasiadamente extensos, que visam claramente paralizar o progresso, amago da hodierna vida industrial, atravancar os caminhos para o desenvolvimento da industria farmaceutica nacional?

Foi por estes motivos que, contra a opposição da firma franceza, apelamos, em 5 de Abril de 1940, para os sabios suprimentos do Departamento Nacional da Propriedade Industrial. Infelizmente, até hoje o caso não foi ainda decidido; mas estamos plenamente confiados em que justiça será feita, por forma a desaparecerem estes tão injustos vexames, de que é alvo ainda hoje a industria farmaceutica verdadeiramente nacional.

OURO EUROPEU NOS ESTADOS UNIDOS

TRES MIL BILHÕES DE DOLARES

O ouro europeu depositado no Tesouro Norte-americano ficou aumentado de 301 milhões de dólares, no prazo de 35 dias, ou seja do fim de maio a 3 de julho. Esse novo afluxo de ouro, que só havia sido ultrapassado duas vezes, — em abril de 1939 e em setembro de 1938 — elevou aos depósitos estrangeiros no referido país á cifra "record" de 3.342.819.000 de dólares, da qual quasi um bilhão procedeu da França e Grã-Bretanha, ás quais pertencem 514.831.000 e 397.903.000 dólares, respectivamente.

Entre outros países que aumentaram seus lastros-ouro nos Estados Unidos, contam-se a Suíça, o Canadá e a Suécia, que fizeram remessas, no periodo em referência, equivalentes a 27.439.000, 23.171.000 e 20.927.000 dólares, respectivamente.

No mesmo período foram negociados titulos norte-americanos com compradores estrangeiros no valor de 10 1/2 milhões de dólares.

"SEIVA" SOLICITA INTERCAMBIO CULTURAL

Libros, publicações, periodicos, topicos, comentarios, y enfin, toda clase de colaboracion que refleje y exprese maturamente el pensamiento americano tendrán acojida fraternal en esta revista.

A todos aquellos amigos y compañeros que nos quieran distinguir con sus colaboraciones les enviaremos grat's nuestros ejemplares. Hacemos extensivo esto a todos nuestros hermanos de America y del Extranjero.

SEIVA, es un trabajo de los americanos del Brasil.

Procure desenvolver sua cultura lendo SEIVA. SEIVA lhe dará todos os meses um informe da vida economica, politica e cultural das Americas e do mundo.

SEIVA é uma revista do Brasil para as Americas. Empréstimo um pouco do seu esforço ao nosso e contribua, assim, para a maior divulgação da cultura.

Faça uma assinatura anual de SEIVA.

PREÇOS:	(Capital	15\$000
	(Interior e Estados (sob registro)	19\$000
	(Exterior	25\$000

NOTA: Livros, revistas, impressos, jornais, etc. que nos forem enviados, serão registrados na seção especial, com comentarios.

O PROXIMO NUMERO DE "SEIVA" SERÁ ESPECIALMENTE SOBRE A GUERRA. ANALISAREMOS AS SUAS CAUSAS E OS SEUS EFEITOS; OS SEUS REFLEXOS SOBRE A AMERICA, PRINCIPALMENTE, E A POSIÇÃO DOS PAÍSES LATINO-AMERICANOS NO CONFLITO ATUAL.

A economia, á sombra da grande Companhia

Brasileira "Alliança do Lar Limitada"

Não foi em vão que a Direção da ALLIANÇA DO LAR LTDA. espalhou pelo Brasil a semente fertilizadora da verdadeira economia. Enfrentando os naturais obstaculos aos grandes empreendimentos, os baluartes desta importante organização de economia conseguiram provar ao povo brasileiro de que as enormes vantagens oferecidas em seus planos magnificos não são uma simples promessa, mas uma grande e indiscutível realidade! Os algarismos que se seguem dão uma ligeira prova de tudo o que vimos afirmando ha longos anos. Hoje, após a agitação dos primeiros passos, sentimos o quanto de necessario representa para o povo do Brasil a fé e a certeza de que não desviamos um só instante o sentido perfeito da verdadeira economia, porque acessível a todos os que labutam quotidianamente, no trabalho e na vida, não somos somente amigos dos privilegiados da fortuna. Pelo contrario, somos, até mais amigos dos que ganham pouco! Se nos são confiadas as grandes economias, com muito maior facilidade nos são oferecidas as pequenas parcelas, ganhas com muito suor, com imenso sacrificio, para que empreguemos inteligentemente em beneficio daqueles que nos deram a sua preferencia.

O povo brasileiro sabe perfeitamente bem de que todo o capital empregado, em qualquer finalidade, e decorrido um pequeno praso, lhe proporciona um lucro agradável e sugestivo, representa capitalisar economias. Assim compreendemos capitalisação. Ha companhias que julgam ter monopolizado esta palavra que etimologicamente significa o que explicamos acima. Não queremos acreditar ser o povo brasileiro um grande exercito de analfabetos. A prova disto está na preferencia dada pelo grande povo do Brasil aos planos de capitalisação da grande companhia brasileira ALLIANÇA DO LAR LIMITADA.

Na Bahia, por exemplo, o seu desenvolvimento, num periodo relativamente curto, é a prova mais concreta de que este grande povo compreende quem fala a verdadeira linguagem da economia! Num periodo de 8 meses de atividade no Estado da Bahia pagamos 53 premios, sendo um de 10:000\$000, 2 de 5:000\$000, 6 de 1:200\$000, 5 de 600\$000, 17 de 300\$000, e 24 de 200\$000, o que representa o maior record já registrado por qualquer uma outra companhia. Não receiamos em afirmar ser a ALLIANÇA DO LAR LIMITADA a unica, em todo o territorio brasileiro, que oferece planos de capitalisação, cujas series são compostas de dez mil combinações! Oferecemos um premio Rs: 10:000\$000 a quem demonstrar o contrario! Além desta grande vantagem, cobramos um mil réis (1\$000) por conto de réis! O nosso praso de contrato é de dez anos, ou sejam 120 meses. A participação dos lucros liquidos da Companhia é durante cinco anos, do 5.º ao 10.º. Cada titulo concorre a um sorteio mensal, pela Loteria Federal do Brasil, com a probabilidade de 35 premios! Um milhar para o premio maior. Dez centenas e vinte quatro inversões de [milhar para premios menores, os quais não alteram o valor do titulo! Convidamos a todos os brasileiros a estudarem estas palavras. Nada perderão.

**Atenderemos pelo telefonio 3129 ou na Inspetoria Geral
da Bahia, á Praça Municipal, 2 — 1.º andar
Por cima da Pastelaria Triumpho**

de esperar quando o tempo trouxer a necessidade de compensações imediatas e a família exigir medalhas, cargos e bons ordenados como paga dos falados sacrifícios? É preciso que se reflita sempre sobre essa questão. Uma coisa é certa: deixar-se prender á perspectiva de brilhos pessoais, é distanciar-se sempre e cada vez mais da seriedade da nossa missão. Como seria útil que cada qual tivesse isto sempre em seu pensamento... E' que a nossa origem pode nos trair a cada momento. Pode mesmo nos arrastar para fora da nossa luta e até ainda contra ela. Isto é: caso não se assimile completamente e perfeitamente os elementos ideologicos que hão de identificar cada um e todos ao mesmo tempo com a marcha ascendente para o alargamento do caminho da vida.

14

Que exista sempre espirito de colaboração. Que exista desejo de melhorar sempre e cada vez mais. Que exista curiosidade amorosa por tudo o que é humano. Que exista visão ampla das coisas, no seu detalhe e no seu conjunto, assim como na sua projeção. Que haja sentimento de justiça na conduta perante os menores fatos da vida cotidiana. Que não lampeje nunca, de relance e com intermitencias, o frio desprezo pelo povo. Que esteja sempre presente a confiança no povo e na sua estupenda força creadora. É que, onde não ha tudo isto não se pode aceitar que exista um verdadeiro elemento conciente na preparação coerente de um mundo mais livre e mais feliz.

15

No entanto, quanto tempo ainda perdido em discussões sem assunto, exaltações sem sentido, raciocinio sem argumentos, conclusões sem logica... E as incoerencias? as incongruencias? as in-consequencias?

Especialmente agora e de agora em diante cada vez mais, não se têm o direito de atirar fora o tempo. O tempo é sempre um fator que se deve levar em conta. E ainda mais: um jovem esclarecido e que é convicto desse esclarecimento, não terá nunca a lembrança de recorrer a essa chatice para encher as suas horas. De certa forma, poder-se-ia definir o jovem esclarecido e conciente na sua vida mais intima como no momento mais publico de sua vida, um individuo a que demais falta assunto... Na verdade isso é a perfeição e que, de fato, é muito difficil

de se atingir. Mas, lutamos para consegu-la em todos aqueles que se aproximam com o desejo e a necessidade de lutar.

16

E' preciso não esquecer que o processo de aperfeiçoamento é um processo em constante desenvolvimento. E que além disto passa por constantes e sucessivas transformações. Por isso, é que se pode dizer que diariamente progride. E é tão justo, que um individuo só necessita para afastar-se desse aperfeiçoamento de uma coisa: parar. Isto é: deixar-se ficar. Temos nessa atitude um dos segredos das deserções. E deixar-se ficar é não unir a ação á idéa. E' não levar o processo de aperfeiçoamento até os menores atos da vida particular. Totalmente, isso é um pouco difficil. Mas, no maximo possivel, isso deve ser feito.

17

Por que falamos assim? E' que também devemos falar em auto-critica. E ainda porque grande parte dos que naceram durante a primeira guerra imperialista, os jovens da minha geração, ainda não estão convencidos de que uma coisa é falar e outra coisa é agir. Porque muitos ainda julgam que ao dizer, por exemplo, « A DEMOCRACIA E' A NOSSA LUTA », chegaram ao maximo de sinceridade. A sinceridade não é um trabalho de auto-sugestão automatica... E, enfim, como querer exigir poder de sugestão de quem não está convencido daquilo que afirma? Só se consegue uma condição perfeita de sinceridade, por um processo penoso, feito de renuncias e de ansiedades, de curiosidade universal por tudo o que é humano, de amor a tudo o que vive e de sacrificios ao que parece indispensavel. Também quando se consegue chegar a esse ponto, as conversas sem assunto parecem o que são de fato: terrivelmente chatas.

Talvez haja nessas denuncias e nesse esforço por compreender o mundo um sacrificio demasiado grande para aqueles que não têm fibra. Mas, para os que conseguem penetrar o sentido desse trabalho de aperfeiçoamento, o resultado é a plena integração do jovem na marcha ascendente pelo alargamento da vida. E o seu trabalho então, em vez de ser intermitente, em vez de ser um esforço caotico que « se aproveita » é a colaboração conciente para o desenvolvimento da nossa luta.

(Cont.)

Sindicato dos Agricultores de Cacao de Ilhéos

RECONHECIDO EM 9 DE OUTUBRO DE 1940

SÊDE — PRAÇA FIRMINO AMARAL, N. 1

ILHÉOS

DIRETORIA:

Presidente — MARIO PARANHOS
Secretario — OSCAR BERBERT TAVARES
Tesoureiro — JOSÉ ERNESTINO SANT'ANA

COMISSÃO FISCAL:

ANTONIO MONTEIRO DE SOUZA
DR. RAMIRO BERBERT DE CASTRO
DR. ALMIR BRANDÃO PINTO

POMADA LALAU

Infalível na cura de úlceras-feridas e "Hemorroidas"

(Conclusão)

18
É por isso que só poderemos ouvir os nossos próprios conselhos. Mas, ouvir em auto-crítica. Assim, nunca se farão hipóteses desnecessárias. Não nos deixaremos arrastar por nenhuma afirmação sem verificação. Provam-se todas as coisas tão rigorosamente quanto possível. Não ha lugar para guardar segredos. Não é possível tentar-se monopólios. Essa é a constelação onde cada estrela dá o melhor esforço de que é capaz, modesta e claramente, para o só e unico fim de servir ao saber e ao bem-estar. Sim, porque só assim se pode construir alguma coisa de horizontes mais amplos. Não se deve, tão pouco, esquecer que isto significa um mundo onde não existam lagrimas, nem fome, nem guerras e onde só haja alegria e felicidade. É preciso fazer o futuro cada vez melhor. É que já é tempo da humanidade ouvir o grito de Roger Bacon: «Olhai para o mundo».

FOGÃO BERTA

Conserva a cosinha asselada

FOGÃO BERTA

Conserva as panelas limpas

FOGÃO BERTA

Não faz fumaça,

porque trabalha fechado

FOGÃO BERTA

Faz a comida gostosa

Não compre o seu fogão sem consultar os preços de SOARES & MELLO

PRAÇA 15 DE NOVEMBRO, 15 — FONE 6024
SALVADOR — BAHIA

**Empreza Constructora
Universal Ltda.**

A maior organização de sorteios do Brasil
300.000 associados e 1.500
agencias em todo o Paiz

Procure conhecer as vantagens que
esta importante Empreza lhe oferece
e obtenha um titulo do Plano "H"
que por 5\$000 mensais, lhe dará
oportunidade de possuir a sua CASA
PROPRIA NO VALOR DE CEM CON-
TOS DE REIS

**SORTEIOS MENSAIS
PELA LOTERIA FEDERAL**

Agencia na Bahia: Rna Miguel Calmon, 41-1º. and.
(EDIF. PORTUGAL) - Telefone 6272 - Caixa Postal 120

CASEMIRAS

BRINS DE LINHO

TROPICAES

ARTIGOS PARA HOMENS

SÓ NA **Loja Bahia**

RUA PINTO MARTINS, 1
(Cidade Baixa)

TELEPHONE 3795

CASA EXCELSIOR
DE

Adolpho Buchman

Novidades em linhos e ca-
semiras

Capas para homens e senhoras

Rua Saldanha da Gama, 19

(Em frente ao Cinema Lyceu)

Telefone 6249

BAHIA

QUEIJO BOM?

Exija **WANSER**

O MELHOR

O MAIS BARATO

O MAIS ALIMENTICIO

Representante na Bahia:

EURICO MAGALHÃES

Encontra-se á venda em todos
os armazens e pastelarias.

**FABRICA
SÃO PAULO**

(CORTUME)

Fundada em 1925

Alagoinhas — Estado da Bahia

PROPRIETARIOS

Moraes, Pereira & Cia.

Escritorio Central e deposito:
RUA CAMPOS SALLES, 8

Tel. 4079

CIDADE DO SALVADOR — BAHIA

Representações nos principais Estados do Paiz

Drs. Avio Brasil e Walter Drumond

ADVOGADOS

Edificio Bomfim

COOPERATIVA BANCO AGRICOLA DE ILHÉUS

Rua Cel. Paiva, 23 — Cx. Postal, 30 — End. Teleg. "LAVOURA"
ILHÉUS — E. DA BAHIA

BALANCETE EM 31 DE OUTUBRO DE 1940

ATIVO

CONTAS PATRIMONIAIS

Titulos de Capitalização	5:100\$000	
Titulos de Renda	4:600\$000	
Quotas-Partes da C. C. A. de Ilhéus	1:000\$000	
Moveis e Utensilios	1\$000	10:701\$000

CONTAS DE MOVIMENTO

Caixa	8:074\$800	
Caixa Estampilhas	1:386\$700	
Depositos em Bancos	166:763\$500	
Titulos Descontados	2:441:820\$200	
Titulos em Juizo	25:000\$000	
Devedores Diversos	10:750\$000	2:653:795\$500

CONTAS DE RESPONSABILIDADE

Titulos a Cobrar p. c/Alheia	65:593\$540	
Titulos Endossados	496:670\$100	562:263\$540

CONTAS DE COMPENSAÇÃO

Titulos em Caução	4:192\$000	
-------------------	------------	--

CONTAS DE REGULARIZAÇÃO

Juros de Depositos	2:068\$400	
Juros sobre Res-descontos	23:787\$800	
Alugueis	2:700\$000	
Ordenados	22:571\$700	
Publicações	1:897\$000	
Agua, Luz e Seguro	608\$300	
Estampilhas	605\$200	
Portes e Telegramas	158\$200	
Expediente	784\$500	
Despesas Gerais	4:794\$500	
Quota de Previdencia e/Ct.	1:361\$000	
Honorarios da Diretoria	20:000\$000	
Impostos	9:087\$500	90:424\$100
Rs.		<u>3:321:376\$240</u>

PASSIVO

CONTAS PATRIMONIAIS

Capital		1.520:700\$000
Fundo de Reserva	86:371\$000	
Fundo p. ^a Instl. Nova Séde	26:939\$000	
Fundo de Ação Social	3:739\$100	
Fundo de Perdas Eventuais	11:700\$000	
Auxilio aos Empregados	4:753\$400	131:502\$500
Juros do Capital		64:068\$500

CONTAS DE MOVIMENTO

Depositos:		
C/ c de Aviso Previo	64:589\$400	
C/ c sem Juros	448\$600	
C/ c Limitadas	68:837\$900	
C/ c de Movimento	227:530\$700	
Dep. Populares	188:436\$400	
Dep. a Prazo Fixo	273:356\$000	823:197\$000

CREDORES DIVERSOS

	25:208\$500
--	-------------

CONTAS DE RESPONSABILIDADE

Credores por Titulos em cobrança	65:593\$540
Redescontos	486:670\$100

CONTAS DE COMPENSAÇÃO

Garantias diversas	4:192\$000
--------------------	------------

CONTAS DE REGULARIZAÇÃO

Juros de Empréstimo	173:409\$700	
Comissões	556\$900	
Juros	20:853\$200	
Juros S/ Depositos a Creditar	1:317\$500	
Jóias de Admissão	3:700\$000	
Inst. de Ap. e P. dos Bancarios	304\$500	
Quota de Previdencia-c/ Juros	61\$300	200:203\$000
Rs.		<u>3:321:376\$240</u>

Ilhéus, 9 de Novembro de 1940. *Idalcio Berbert Tavares* — Diretor Comercial. *Julio Pinto da Silva* — Diretor Presidente-interino. *Alexandre José da Silva* — Diretor Tezoureiro. *Acacio Garcia* — Contador.